



CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

CIÊNCIAS HUMANAS

e suas TECNOLOGIAS



História

Fascículo 1
Unidades 1 e 2

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Wilson Witzel

Vice-Governador
Claudio Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Leonardo Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Gilson Rodrigues

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional
Cristine Costa Barreto

Elaboração de História
Gilberto Aparecido Angelozzi
Gracilda Alves
Sabrina Machado Campos
Denise da Silva Menezes do Nascimento
Márcia Pinto Bandeira de Melo
Marcus Ajurum de Oliveira Dezemone
José Ricardo Ferraz
Priscila Aquino da Silva
Inês Santos Nogueira
Renata Moraes
Erika Arantes
Maria José Carvalho
Rafael Cupello Peixoto
Gustavo Souza
Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa
Anna Maria Osborne
José Meyohas

Coordenação de
Desenvolvimento Instrucional
Bruno José Peixoto
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional
Anna Maria Osborne

Coordenação de Produção
Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção
Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa
Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades
Andreia Villar

Diagramação
Camille Moraes
Filipe Dutra
Fernanda Novaes
Larissa Averbug
Mario Lima
Núbia Roma

Ilustração
Clara Gomes
Fernando Romeiro
Renan Alves
Vinicius Mitchell

Produção Gráfica
Patrícia Esteves
Ulisses Schnaider

Sumário

| | |
|---|---|
| Unidade 1 Repensando a História: o homem como sujeito e objeto da história | 5 |
|---|---|

| | |
|---|----|
| Unidade 2 A conquista europeia na África e na América | 45 |
|---|----|

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

Repensando a História: o homem como sujeito e objeto da história

Fascículo 1
Unidade 1

Repensando a História: o homem como sujeito e objeto da história

Para início de conversa...

Um dia, numa rua da cidade
Eu vi um velhinho
Sentado na calçada
Que contava uma história
Que era mais ou menos assim:
Eu nasci!
Há dez mil anos atrás
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais...

Eu vi Cristo ser crucificado
O amor nascer e ser assassinado
Eu vi as bruxas pegando fogo
Pra pagarem seus pecados
Eu vi!
(...)

Cruzar o Mar Vermelho
Vi Maomé
Cair na terra de joelhos
Eu vi Pedro negar Cristo
Por três vezes
Diante do espelho
Eu vi!

(...) Vi Babilônia
Ser riscada no mapa

(...) Eu vi Zumbi fugir
Com os negros pra floresta
Pro Quilombo dos Palmares
Eu vi!

Fonte: <http://letras.mus.br/raul-seixas/48309/>

Você conheceu o roqueiro brasileiro Raul Seixas? O trecho na página anterior é da música “Eu nasci há dez mil anos atrás”, na qual ele fala dos seres humanos e algumas de suas realizações desde os povos antigos até fatos da época em que ele escreveu. Você já se perguntou por que somos tão diferentes ou se somos iguais aos nossos pais e avós? E como sabemos dos povos antigos? A resposta para isso está no estudo da História. Daí a importância de estudarmos esta disciplina, pois ela pode nos oferecer muitas formas de conhecimento e saberes de muitas sociedades. Aprenderemos que histórias são diferentes de um povo para outro e que as culturas possuem características próprias.

Conheceremos como era a vida dos egípcios, gregos e romanos e suas formas de organização cultural, social e econômica. Em seguida, passaremos a conviver com a sociedade medieval e você compreenderá que eles são diferentes. E, por fim, você estudará como foi a passagem da Idade Média para a Idade Moderna e, novamente, perceberá que esses indivíduos não são melhores, nem piores, mas apenas diferentes.

Bom estudo!

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer que a transmissão do conhecimento não é neutra e que todos somos agentes da História;
- Reconhecer os conceitos políticos de cidadania, democracia e república;
- Analisar a contribuição do pensamento Greco-romano na construção da Ocidentalidade;
- Observar a construção do próprio conceito de Mundo Ocidental;
- Discutir a noção de Idade Média;
- Reconhecer os conceitos de servidão, trabalho livre e nobreza;
- Identificar os elementos da crise do século XIV;
- Comparar as principais correntes do cristianismo.
- Desenvolver comportamentos de tolerância religiosa;
- Caracterizar o processo de Expansão Marítima.

Seção 1

Repensando a História



Figuras 1 e 2: O que essas imagens têm em comum?

Ao olhar figuras tão diferentes, você pode se perguntar: o que uma tem em relação à outra? A Figura 1 representa um vaso usado para armazenar alimentos do período Neolítico, que é um período da História datado aproximadamente de 10 mil anos, quando os homens começavam o seu processo de fixação na terra (sedentarização). A Figura 2 é um *notebook* que nos é muito familiar, pois ele está presente em nossas casas, escolas, bancos, entre outros lugares. Entretanto, a dúvida continua! Como essas imagens podem nos ajudar a entender a História?

Alguns estudiosos costumavam definir que as sociedades sem escritas (ágrafas) não possuíam História, e que ela passou a existir com a invenção da escrita. Desse modo, se os homens e mulheres do passado não tivessem deixado nada escrito daquele tempo, não haveria História. Mas e hoje, ainda pensamos dessa forma? O que é a História? E como e por quem ela é feita? Por que estudamos a História?

O historiador francês Marc Bloch respondeu à pergunta “O que é a História?” de maneira simples e rica. Ele definiu a História como “uma ciência que estuda os homens no tempo (ano, década, século) e no espaço (sociedade, país, continente).” Esta afirmação nos permite entender que existia História tanto para os homens no período Neolítico, como para os homens de hoje. O que precisamos entender é que, independente do tempo histórico e da sociedade em que vivemos, a História tem como objetivo entender, analisar, compreender a vida dos HOMENS, MULHERES e CRIANÇAS em diferentes momentos da História.



Saiba Mais

Paleolítico e Neolítico.

O nome Paleolítico vem da palavra grega que significa pedra (*lito*) antiga (*paleo*). Mas você já deve ter ouvido falar em Idade da Pedra Lascada. Este nome se deve ao fato de aqueles seres humanos utilizarem a técnica de lascar a pedra, ou ainda, ossos e madeira, para fazer instrumentos.

Os grupos humanos obtinham seus alimentos através da caça, da pesca e da coleta, vivendo daquilo que estava disponível na natureza. Por não estabelecerem habitação fixa, esses primeiros grupos humanos podem ser caracterizados como nômades, ou seja, homens que não possuíam uma residência fixa.

Um passo importante nesse período foi o domínio do fogo, que ocorreu por volta de 500 mil anos atrás. Com o fogo, foi possível afugentar animais, assar alimentos, iluminar os caminhos e as moradias à noite, além de aquecê-las, permitindo ao homem suportar temperaturas mais frias.

Idade da Pedra Polida ou Neolítico – do grego pedra (*lito*) nova (*neo*). A utilização de instrumentos mais bem trabalhados e eficazes permitiu àqueles homens estabelecer importantes avanços, como a domesticação de animais e a prática da agricultura. Essa situação permitiu que, aos poucos, muitos grupos passassem da condição de nômades à de sedentários, isto é, de moradores fixos em um território.

Agora que você já sabe que essas duas sociedades e em tempos diferentes possuem História, como podemos conhecer a sua existência hoje? O conhecimento histórico é produzido a partir do trabalho dos historiadores com as fontes históricas. O historiador é como um detetive que reúne pistas para resolver o mistério do crime. As pistas, vestígios e marcas deixadas pelos homens são fontes históricas, ou seja, as fontes são tudo aquilo que foi produzido pelo homem e que nos ajuda a entender como viviam. Dividimos as fontes históricas em duas categorias: fontes não escritas e fontes escritas.

As fontes não escritas são todas aquelas onde não há presença da grafia. Os exemplos são vasos, pinturas rupestres, utensílios domésticos, entre outros. Já as fontes escritas são aquelas dotadas de escritas, como cartas, livros, e-mails, documentos como certidão de nascimento, RG, CPF, título de eleitor, entre outros.

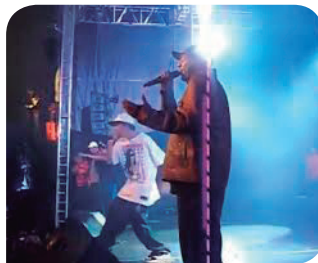


Figura 3: Fonte não escrita



Figura 4: Fonte escrita

Estudamos a História como uma forma de conhecer como somos diferentes, tanto nas formas de organização política, social, econômica e cultural. A função da História para a sociedade é nos ensinar que existem culturas e sociedades distintas, e que devemos respeitá-las. Veja um exemplo na prática:



Figuras 5, 6 e 7: O que é cultura?

Você consegue identificar as três imagens? Sabe o que elas significam? A Figura 5 é o símbolo do carnaval carioca, na Figura 6, temos uma cena de um baile funk, e na Figura 7, uma banda de rock. Estes três ritmos possuem histórias diferentes. E nós estudamos a História para compreender por que somos múltiplos e diferentes. Daí, precisamos entender: o que é **cultura**?

Chamamos **cultura** todas as formas e manifestações que se expressam distintamente no tempo e no espaço (na História). Quando falamos de cultura, pensamos numa forma de valorização das **diferenças** em nosso mundo. São exemplos culturais: folclore, os mitos, as organizações políticas, os comportamento sociais, estilos musicais.

Quando desrespeitamos um colega que gosta de ir sambar, ir ao baile funk ou escutar um som “mais pesado”, estamos cometendo uma espécie de preconceito ou etnocentrismo. O que é Etnocentrismo?

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo (uma verdade) e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, modelos e definições. Os outros são colocados num papel subordinado, menor ou menos capaz. Essa atitude caracteriza uma expressão de preconceito, pois não reconhece ou não respeita a diferença.

Portanto, estudamos a História para nos ajudar a perceber o quanto somos diferentes, e que todos nós possuímos uma história rica em culturas e distinções.

Seção 2

Trabalho e cidadania na História (Egito, Grécia e Roma)



Figura 8: Abelhas em sua colmeia.



Figura 9: Agricultura no Egito.

Observe estas imagens. Em um rápido passar de olhos, você poderia dizer que as duas imagens se referem ao mundo do trabalho. As abelhas trabalham para fazer sua produção de mel e proteger sua colmeia. Os egípcios trabalhavam lavrando a terra. Ainda hoje, os homens trabalham na terra e também em escritórios, escolas e hospitais. Contudo, existe uma grande diferença entre o trabalho realizado pelos seres humanos e o trabalho realizado pelos animais, como as abelhas. Os animais agem por instinto de sobrevivência – não aprendem novas técnicas, não inventam novas formas de produção. Eles agem por leis biológicas que não variam na espécie. O trabalho humano não é instintivo.

Não nascemos sabendo trabalhar, temos de entrar em escolas e em oficinas para aprender uma profissão, por exemplo. O trabalho humano é criador – modifica a natureza, produz e aperfeiçoa novas técnicas e une atividade física e intelectual. Por termos esse poder de criação, também conseguimos transformar o mundo natural. E é essa transformação que forma o mundo cultural. A cultura torna possível adaptar a natureza ao que é necessário para o ser humano. Essa capacidade possibilitou ao homem, mesmo sendo ainda um animal limitado em força e possibilidades de defesa física, construir casas quentes em climas frios, desenvolver meios de sobrevivência no deserto mais seco ou na floresta mais úmida. Duas civilizações antigas servirão de exemplo de como as inovações técnicas dos seres humanos e um trabalho social organizado são importantes fatores de desenvolvimento. Os egípcios ainda hoje nos impressionam com suas pirâmides e construções belíssimas que resistiram ao tempo e, mais de dois mil anos depois, são testemunhos de uma fascinante civilização. Roma, com seu Coliseu e seus aquedutos, muitos ainda hoje em funcionamento, também é símbolo de uma sociedade que desenvolveu o trabalho e a técnica. Vamos conhecer um pouco mais dessas incríveis civilizações?

O trabalho no Egito Antigo: especialização e técnica



Figura 10: Mapa do Egito Antigo.

"O Egito é uma dádiva do Nilo." (Heródoto – historiador grego)

Esta frase do historiador Heródoto é uma das mais famosas quando se fala sobre a civilização egípcia, mas existem discussões sobre sua autoria. Ela atravessou séculos e está presente em diversos livros e manuais que pretendem explicar, para os homens modernos, a história do Egito Antigo. Mas vamos analisar atentamente a ideia que está por trás dessa citação de Heródoto? O rio Nilo é famoso pelo seu **sistema de cheias**, que fertilizava a terra. A opinião do historiador antigo e dos gregos daquela época parece clara: os grandes feitos do povo egípcio, sua riqueza e inventividade seriam obras de um benefício geográfico – a fertilidade de um rio.

A frase subestima os egípcios e mostra como os gregos se acreditavam superiores àquela sociedade. Claro que a civilização egípcia começou a ser construída a partir de condições geográficas favoráveis. Mas não foi uma dádiva dessas condições. As cheias do rio têm o poder de fertilizar, mas também de destruir. Se os egípcios não criassem técnicas de domínio e previsão das cheias do rio, a abundância da água poderia se transformar em catástrofe – como ainda hoje assistimos nos noticiários televisivos.

Como a agricultura dependia das cheias, o primeiro passo para dominar a natureza foi criar técnicas de contagem do tempo, para assim conseguir prever com exatidão o período de enchentes. Uma das técnicas de medição inventada pelos egípcios foi a clepsidra, um relógio de água. Os egípcios observaram que o início das enchentes tinha uma recorrência de 365 dias e, por isso, dividiram o ano em 12 meses – ou seja, uma forma de contagem do tempo muito parecida com a nossa!

Além disso, os egípcios criaram técnicas inovadoras de plantio e irrigação. Um instrumento utilizado era o shaduf, que retirava água do rio para irrigar as plantações. Eles também construíram canais que levavam a água do rio para terras cultiváveis mais distantes.



Figura 11: Pintura egípcia que mostra o uso do shaduf.



Figura12: Fotografia de 2010 que mostra o uso atual da técnica do shaduf.

Os avanços técnicos permitiram maior especialização e formação de uma diversidade de profissões, criando atividades como oleiros, padeiros, metalúrgicos, tecelões, carpinteiros, pintores, ourives, pedreiros. Assim, assistimos a uma divisão social do trabalho que cria grupos profissionais especializados.

No topo da pirâmide social estava ele, o senhor do Nilo, que tinha poder sobre a vida e a morte, a cheia e a seca, o todo-poderoso faraó. O faraó era o governante do Egito Antigo, cujo poder é legitimado pela origem divina. Os egípcios eram **politeístas**, que é a crença em muitos deuses, e organizaram seu governo em torno de uma teocracia, que significa "governo de Deus". Assim, acreditavam que o faraó era também um Deus na Terra.

Mas, entre todas as profissões que formavam essa pirâmide social egípcia, é importante destacar uma: a de escriba. Eles dominavam a arte de ler e escrever, muito difícil em uma sociedade que utilizava uma escrita simbólica e complexa – onde cada desenho representava um som. Os hieróglifos egípcios eram uma escrita especializada e sagrada, destinada às paredes dos templos e dos túmulos.

Os escribas registravam informações sobre a produção econômica, a cobrança de impostos e a administração. Por causa de seu trabalho, conhecemos mais sobre a religião e a política dessa sociedade, já que o culto religioso e os feitos dos faraós e dos deuses foram imortalizados por eles, que eram os funcionários do governo que vinham fiscalizar os campos, conferir rebanhos, orientar construções e transmitir normas. Assim, o escriba cumpria menos uma função intelectual e mais uma função fiscal.

Por saberem ler e escrever, uma técnica desconhecida da maioria da população analfabeta, os escribas faziam parte de uma camada de privilegiados. Ora, ainda hoje o domínio de certas técnicas relacionadas ao mundo do trabalho é responsável por desigualdades em nossa sociedade.

- a. Identifique profissões atuais que usam técnicas de trabalho especializadas e que, por isso, são mais valorizadas.
- b. Quanto às profissões desvalorizadas no mundo atual, estabeleça uma relação entre a falta de domínio de uma técnica (ou conhecimento) e a desvalorização profissional.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Atividade

1

O Rio Nilo e suas cheias

O Antigo Egito se localiza no Vale do Rio Nilo, no nordeste do continente africano. O Nilo nasce no coração da África, em uma floresta tropical, e atravessa toda uma região desértica até desaguar no mar Mediterrâneo. O mapa apresentado na Figura 10 mostra o rio Nilo e a divisão feita pelos antigos egípcios entre o norte e o sul. A “Terra do Norte”, o delta do rio, era um território mais fértil e densamente povoado, chamado Baixo Egito. Já a “Terra do Sul” correspondia a todo o Vale do Rio Nilo e foi chamado Alto Egito. A comunicação entre as regiões era feita pelo rio.

A importância do Nilo para essa sociedade é tanta que os antigos egípcios veneravam o Nilo como um deus-rio, chamado Hapi. Durante o período de chuvas na floresta tropical, o Nilo transborda e provoca uma inundação das margens, depositando uma camada de húmus – espécie de lodo escuro, rico em material orgânico, que deixa o solo muito rico para o cultivo. Quando as águas baixam, na estação da seca, quilômetros de terras estão férteis e úmidas no meio do deserto! Prontas para o cultivo.

Saiba Mais

Roma Antiga e o trabalho escravo

O Coliseu é uma construção de grande porte que abrigava até 55 mil espectadores. Com certeza, foram necessários muitos braços para construir e muita habilidade técnica, pois esse anfiteatro, que está em ruínas por causa de terremotos e pilhagens, foi edificado há mais de 2.000 anos. As grandes obras públicas eram símbolo de poder dos imperadores romanos. Os aquedutos, que levavam água limpa até as cidades, as arenas gigantes, o sistema de esgoto, portos, estradas, eram testemunhas da prosperidade e riqueza do império. Mas essas construções e seu funcionamento se deveram em grande parte ao uso do trabalho escravo. Os gladiadores, por exemplo, que lutavam nos espetáculos de morte encenados para o público no Coliseu, eram escravos. Os espetáculos faziam parte da **política de pão e circo**, praticada durante o período da República e do Império Romano.



Figura 13: Coliseu.

Saiba Mais

Política do pão e circo

O aumento do número de escravos provocado pelas conquistas territoriais romanas teve uma consequência: o desemprego dos plebeus, camponeses que trabalhavam nos latifúndios dos patrícios – membros da nobreza romana. O grande número de desempregados na cidade de Roma e o medo de que a condição de miséria e desemprego fosse estopim para revoltas sociais fez os governantes adotarem uma política: dar para o povo pão (comida) e circo (distração), notadamente o teatro, as corridas de biga e os grandes espetáculos de lutas entre gladiadores.

Ao estudar essa política, é preciso perceber que se tratava de um instrumento utilizado para alienar a população quanto à busca por maiores direitos sociais. Os divertimentos constantes faziam o povo se esquecer da sua condição social de miséria. Será que é possível relacionar essa política dos imperadores romanos a algumas ações políticas atuais?

Os romanos, como a maior parte das sociedades antigas – incluindo os egípcios – praticavam a escravidão. Os escravos eram, em geral, prisioneiros de guerra que compunham a base da pirâmide social. Os escravos realizavam os mais diversos trabalhos em Roma, desde agricultores, gramáticos, professores e médicos. A escravidão pode ser definida pela privação de liberdade e pela possibilidade de o escravo ser posto à venda pelo dono. Os órfãos e as crianças abandonadas também podiam ser transformados em escravos. Em alguns períodos da história romana, aqueles que

não conseguiam pagar suas dívidas também poderiam se tornar escravos. A escravidão foi a base da economia romana, e os romanos demonstraram grande capacidade de assimilação dos conhecimentos dos povos conquistados.

A cidadania na Grécia Antiga



A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social.

(DALLARI, D.A.:1998; p.14)



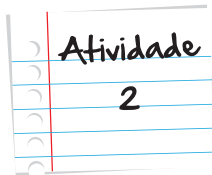
Você sabe o que é cidadania? Segundo Maria de Lourdes Manzini (2002), ser cidadão no mundo atual significa ter direitos e deveres na construção coletiva da sociedade, ser súdito e ser soberano. Essa situação de cidadania é descrita pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Muitos confundem a cidadania com o mero direito ao voto. Mas, a cidadania torna o cidadão apto a participar da vida política, precisando cumprir uma série de obrigações e deveres para com a sociedade, e a reivindicar também maiores direitos políticos e sociais.

Aos gregos, devemos o importante conceito de cidadania e a invenção de uma forma de governo utilizada ainda hoje pelos homens contemporâneos: a democracia. O termo democracia significa "governo do povo" e foi a primeira forma de governo em que todos os considerados cidadãos participavam dos assuntos políticos.

A democracia foi implantada na **cidade-estado** de Atenas. Lá, o cidadão pleno deveria ser filho de pai e mãe atenienses, maior de dezoito anos que já completara a *efebia*, serviço militar de dois anos, que iniciava o jovem na cidadania. Este era o cidadão que estava apto a participar do jogo político, que poderia adquirir terras, contrair casamentos legítimos, participar de tribunais e conselhos e ter voz e voto na Eclésia, a Assembleia de Cidadãos – lugar onde os atenienses se reuniam para discutir os assuntos relacionados à cidade. Além desses direitos, o cidadão ateniense também tinha deveres e obrigações como a participação na guerra como *hoplita* (soldado grego), o pagamento de tributos e a participação na liturgia reservada a cidadãos mais ricos.

Existem algumas importantes diferenças entre a democracia grega e a democracia atual. Em primeiro lugar, a cidadania não era estendida a mulheres, aos escravos e aos *metecos* (estrangeiros), que estavam excluídos do jogo político, apesar de participarem de outras esferas da vida social. Além disso, a democracia atual é representativa, ou seja, elegemos representantes que tomam as decisões políticas por nós. A democracia ateniense era direta ou

participativa – os cidadãos iam à assembleia e intervinham diretamente nos assuntos da *polis*. As cidades-estados ou *poleis* eram cidades politicamente independentes entre si, cada uma com sua forma de governo.



Leia a bela canção de Chico Buarque

Mulheres de Atenas

Mirem-se no exemplo

Daquelas mulheres de Atenas:

Geram pros seus maridos,

Os novos filhos de Atenas.

Elas não têm gosto ou vontade,

Nem defeito, nem qualidade;

Têm medo apenas.

Não tem sonhos, só tem presságios.

As jovens viúvas marcadas

E as gestantes abandonadas

Não fazem cenas [...]

Fonte: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45150/>

- a. Após a leitura da letra da música, analise a condição feminina na cidade-estado de Atenas.
- b. Compare essa condição com a que as mulheres de nossa sociedade vivem atualmente.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 3

Trabalho e relações sociais na Idade Média



Figura 16: Maquete do Fórum Romano, na Roma Antiga.



Figuras 14 e 15: Iluminuras que representam alguns meses do ano do Livro de Horas do Duque de Berry, do século XV.

Observe estas imagens. Enquanto na maquete da Roma Antiga observamos uma cidade estruturada e grandiosa, as imagens do mundo medieval nos mostram uma sociedade organizada em torno do tempo agrário. A análise comparativa nos revela um aspecto marcante que diferencia o mundo antigo do mundo medieval. Trata-se do processo de ruralização (processo que marca a passagem de uma sociedade urbana para uma sociedade que tem base rural e agrária) da economia que modificou a forma como os homens viviam e que deu início ao período chamado Idade Média. Foi nesse mundo rural que surgiu uma nova forma de organização da sociedade: o feudalismo. Nele, surgiram também novas relações sociais e uma nova divisão social do trabalho. E é nesse universo que iremos mergulhar a partir de agora.

Saiba Mais

Invasões Germânicas

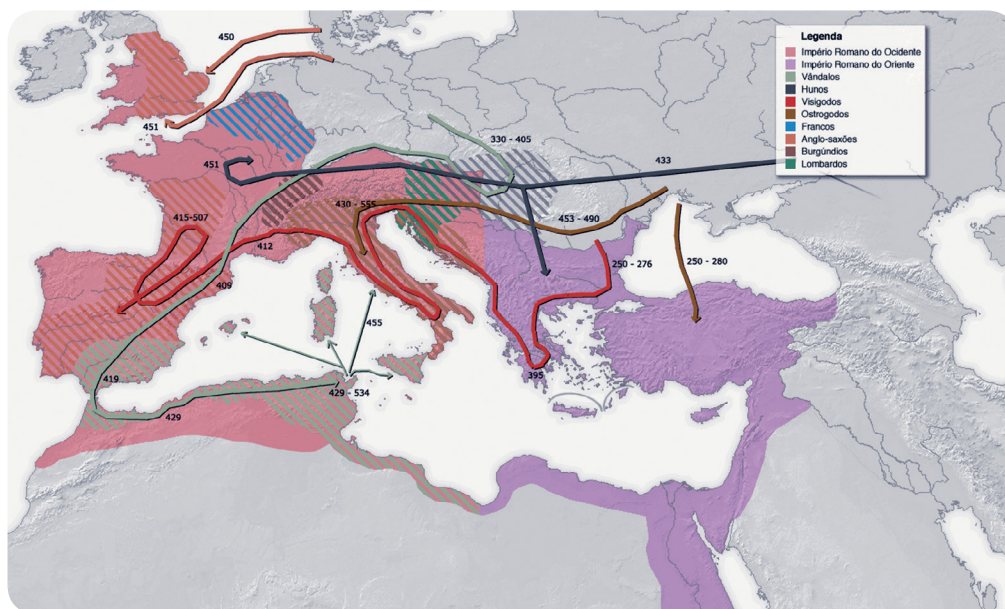


Figura 17: Mapa das invasões bárbaras.

O fato histórico que costuma marcar o fim da Antiguidade e o início da Idade Média são as chamadas invasões germânicas ou “invasões bárbaras”. Os romanos chamavam de bárbaros todos aqueles que não falavam latim, a língua romana. No início do século III, os povos germânicos que viviam na fronteira do Império começaram a pressionar as fronteiras e intensificaram a ocupação, invadindo diversas regiões. Mas foi no século V, em 476 d.C., que a cidade de Roma foi invadida e conquistada por um grupo de invasores germânicos liderados por Odoário, chefe bárbaro, que depôs o imperador Rômulo Augusto. Esse acontecimento foi tomado como marco da queda do Império Romano do Ocidente e início da Idade Média.

O sistema feudal

O feudalismo foi o sistema econômico e social que nasceu durante o período medieval. Esse sistema surgiu da síntese de heranças romanas e germânicas e tem como base de funcionamento, o **feudo** – uma unidade produtora autossuficiente, já que essa economia se caracterizava pela subsistência, ou seja, quando se produz apenas o suficiente para a sobrevivência. A terra, ou feudo, era o bem mais precioso dessa sociedade, daí o nome feudalismo e a principal mão de obra utilizada era a do servo. Importante notar que o feudo geralmente era uma grande extensão de terras – também chamada latifúndio – mas poderia também ser um benefício como alguns direitos que hoje consideramos funções públicas, como a cobrança de impostos e o exercício da justiça.



Figura 18: Ilustração atual representando como poderia ser um senhorio medieval.

Dentre as características da época feudal, podemos destacar:

- Relações de dependência interpessoais: durante esse período, duas relações de dependência são marcantes – a servidão e a vassalagem. A servidão é a relação que um servo, um camponês, estabelece com um senhor feudal, um nobre. Na servidão, o servo fica preso à terra e deve ao senhor feudal uma série de taxas e obrigações servis. Em troca, o senhor feudal – que possui um feudo – deve ao camponês, proteção. Já a vassalagem é uma relação entre dois nobres – o suserano e o vassalo. Por meio de um ritual chamado homenagem, o vassalo recebe um benefício do suserano (geralmente um feudo) e lhe presta um juramento de fidelidade militar, protegendo-o em caso de guerra. O maior suserano de todos era o rei.
- Descentralização do poder: a relação de vassalagem implica a entrega ou doação por parte do soberano de terras e privilégios que, na verdade, o enfraqueciam. O rei perdia poder político e econômico, apesar de ainda ser um forte chefe militar e contar com a proteção e apoio dos seus vassalos.
- Um mundo rural: as relações sociais se desenvolveram em torno da terra. A ruralização é o fato social que modela a imagem da sociedade medieval. As invasões germânicas sobre o território do Império Romano trouxeram guerras e devastação das cidades, locais mais visados para pilhagens pela sua riqueza. Além disso, a desorganização das trocas multiplicava a fome. Esses fatores empurravam as pessoas para o campo, submetendo-as à servidão dos grandes proprietários que dispunham de terras e podiam oferecer proteção a esses trabalhadores.
- Religiosidade: A Idade Média é uma época marcada pela expansão do cristianismo como elemento de identidade

dos povos da Europa ocidental. A grande identidade do homem medieval se deve ao fato de ele ser cristão – e os “outros” serem os muçulmanos e os judeus, membros de outras religiosidades.

Saiba Mais

A vassalagem

A vassalagem é uma relação social entre dois nobres, o suserano, mais poderoso e dono de muitas terras, e o vassalo, a quem será doado um benefício que, em geral, é um feudo. Para que essa relação fosse estabelecida existia um ritual de juramento, que geralmente vemos em filmes, quando o vassalo se ajoelha diante do suserano. A Idade Média era uma época em que a maior parte da população era analfabeta e não dominava nem a escrita, nem a leitura. Por isso, esse juramento era feito, na maioria dos casos, oralmente e em público, como vemos na imagem. Ele era composto das seguintes partes:

- A homenagem: na qual o vassalo se ajoelha frente ao suserano com as mãos postas, em forma de oração. O suserano lhe pergunta se ele quer ser o seu homem. Selam o acordo com um beijo, chamado de “osculum”;
- Fé: nessa etapa do ritual, o vassalo jura fidelidade ao suserano sobre uma bíblia ou relíquia sagrada (parte do corpo ou objeto pertencente a um santo);
- Investidura: era o ato pelo qual o suserano entregava ao vassalo um punhado de terra ou outro objeto que simbolizasse o benefício que seria recebido pelo vassalo.



Figura 19: Juramento de vassalagem em uma imagem medieval.

“

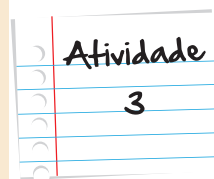
Dois homens frente a frente: um que quer servir; o outro, que aceita ou deseja ser chefe. O primeiro une as mãos e assim juntas coloca-as nas mãos do segundo [...] ao mesmo tempo a personagem que oferece as mãos pronuncia algumas palavras, muito breves, pelas quais se reconhece o homem de quem está na sua frente. Depois, chefe e subordinado beijam-se na boca: símbolo de acordo e de amizade. Eram estes os gestos que serviam para estabelecer um dos vínculos mais fortes que a época feudal conheceu.

(BLOC, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987).

”

- a. A que relação a cerimônia narrada por Marc Bloch se refere?
- b. Quais eram as obrigações e como eram chamados os dois homens que estavam “frente a frente”?

Anote suas
respostas em
seu caderno



Uma sociedade de três ordens



Figura 20: Representação das três ordens do feudalismo.

“

Portanto, a cidade de Deus, que se crê única, está dividida em três ordens: **alguns rezam, outros combatem e outros trabalham**. Estas três ordens vivem juntas e não suportariam uma separação. Os serviços de uma delas permitem os trabalhos das outras duas. Cada um, alternadamente, presta seu apoio a todos.

(Aldaberon, Bispo de Laon. Citado por BOUTRUCHE, R., *Seflorio y Feudalismo*. Siglo Veintiuno Editores, p. 307).

”

Observem as duas fontes históricas acima – uma escrita e outra não escrita. A imagem mostra três personagens sociais do mundo medieval e a fonte escrita foi redigida por um homem medieval, um bispo, ou seja, membro do clero. A fonte escrita nos mostra como os homens da Idade Média acreditavam que a sociedade estava dividida: em três “ordens” ou três funções. Existiam, então, o clero, ou “os que oram” responsáveis pelo cuidado com a vida espiritual

de toda essa sociedade extremamente religiosa, e que tinha como função social a oração. A cavalaria, que pertencia à nobreza feudal, tinha como função a defesa dos cristãos contra invasores. E os servos teriam a função de trabalhar na terra e exercer os trabalhos manuais, considerados indignos da nobreza. Vamos conhecer um pouco de cada uma dessas ordens medievais?

“Os que trabalham” – Os “Laboratores”



Figura 21: Servos trabalhando na terra.

Os servos eram os camponeses que faziam os trabalhos manuais e estabeleciam laços de servidão com senhores feudais. A servidão era estabelecida em troca de proteção em um mundo perigoso e violento. Protegido, o servo deveria permanecer preso à terra do senhor feudal, trabalhar em suas terras e pagar impostos como a talha (parte da produção na terra cedida ao servo deveria ser entregue ao nobre), as banalidades (taxas pelo uso de instrumentos pertencentes ao senhor feudal) e a corveia (obrigação do servo de trabalhar durante três dias da semana nas terras senhoriais). Os historiadores têm poucos documentos para falar sobre a cultura do camponês. Mas muitos dos contos de fada conhecidos hoje vieram dessa tradição, passados de geração em geração, pela oralidade, já que os servos – como a maioria da população – não sabiam ler nem escrever.



Figura 22: Uma batalha medieval.

“Os que guerreiam” – Os “Bellatores”

Os cavaleiros medievais eram membros da nobreza e tinham como função defender os cristãos, o senhor feudal e o rei em casos de guerra. Devemos lembrar que falamos de um mundo violento que sofria com diversas invasões, como, por exemplo, a expansão do Islã e as pilhagens dos *vikings*. Muitos desses cavaleiros eram os filhos de um senhor feudal (nobre) que não era o primogênito, pois para os filhos varões que não herdavam o feudo – direito do primogênito – existiam dois grandes caminhos – pegar as armas ou entrar para a Igreja. A cultura cavaleiresca é responsável por muitas histórias e lendas que conhecemos ainda hoje como a dos Cavaleiros da Távola Redonda e as histórias do rei Arthur. Também devemos a elas os famosos torneios medievais que treinavam os jovens corpos para a guerra. Os cavaleiros eram regidos pela ética da fidelidade e da lealdade, pelo dever de serem valorosos no combate.



Figura 23: Um monge copista medieval.

“Os que oram” – Os “Oratores”

Os filhos de senhor feudal que não herdavam o feudo poderiam seguir também a vida eclesiástica, muito valorizada. Portanto, a maioria dos membros da Igreja fazia parte da nobreza medieval. O pensamento religioso cristão dominava a Idade Média e a Igreja monopolizava o saber. Nos mosteiros, os monges oravam diversas vezes por dia, mas não se dedicavam apenas às preces. Os monges, durante muito tempo, foram os grandes donos do conhecimento, responsáveis por reproduzir textos antigos e religiosos, copiando-os no chamado *scriptorium* (locais dentro dos mosteiros destinados à leitura e à escrita realizada pelos monges copistas). Muito do que sabemos desse tempo, devemos a esses monges que escreveram sobre o mundo em que viviam. A sociedade medieval é extremamente religiosa, e a função de oração exercida pelos “homens da Igreja” era reconhecida como muito importante.



O mundo medieval não era composto apenas de monges que ficavam enclausurados nos mosteiros e se dedicavam à oração, à escrita e à leitura. Existia também o clero secular, aquele que atuava em contato com a população e que teve um importante papel de cristianização dos povos germânicos, principalmente no início da Idade Média. Já no século XII, surge o chamado movimento mendicante, que nasce com Francisco de Assis. Os mendicantes, franciscanos e dominicanos, até tinham mosteiros, mas geralmente optavam por andar, de cidade em cidade, fazendo pregações públicas e caridade dirigida aos pobres.

Seção 4

Transformações políticas e culturais nos séculos XIV e XV

Nesta seção, estudaremos o conjunto das transformações sociais políticas e culturais no século XIV e XV que ficaram conhecidas como o *Renascimento*. As ideias e ações deste movimento atingiram várias áreas do saber.

O Renascimento foi visto, durante muito tempo, como um movimento que negava as conquistas da Idade Média, propondo um retorno à Idade Antiga, como se o período medieval estivesse ligado ao atraso, e associando o Renascimento ao progresso. Assim, para estes pensadores teria havido uma ruptura entre os dois períodos, pois o Renascimento valorizava a cultura laica, racional e científica, enquanto a Idade Média estaria presa aos valores teocêntricos. Mas sabemos que não foi bem deste modo, pois muitos dos valores dos dois períodos se entrelaçaram, assim como os pintores renascentistas não se desvincularam completamente da reprodução, em suas obras de arte, da religiosidade medieval.

As razões que possibilitaram esse desenvolvimento em vários campos do saber, até mesmo no religioso, podem ser encontradas nas novas condições sociais e econômicas da Europa naquele período. Os desenvolvimentos urbano e comercial que já se faziam presentes desde a Idade Média muito contribuíram para aquelas produções inovadoras, além do Humanismo. Embora os humanistas julgassem os séculos que os precederam obscuros e bárbaros, é necessário lembrar que o Humanismo percorreu caminhos inovadores e fecundos, inspirados no passado medieval.

Quando teve início o Renascimento? O Renascimento teve início por volta da segunda metade do século XIV, e não por acaso surgiu na Itália, onde as cidades de Veneza e Gênova se beneficiaram de suas localizações privilegiadas, e se tornaram as cidades mais ricas do continente europeu, pois eram o centro do comércio entre a Europa e o Oriente, através do Mediterrâneo. Os centros urbanos tornaram-se ativos e surgiram grandes companhias comerciais e grupos financeiros, ultrapassando os limites de uma economia que produzia para as suas próprias necessidades.

Em termos econômicos, a riqueza acumulada pelos comerciantes, nobres e mercadores, dentre outros, era direcionada para o patrocínio dos artistas, o denominado “mecenas”, que funcionava à base de favorecimentos, privilégios e lealdade, e era praticado também pelos soberanos, papas e príncipes. Os mecenas investiam nas artes como forma de obterem reconhecimento e destaque por parte da sociedade.

O termo Renascimento é atribuído ao artista italiano Giorgio Vasari (1511-1574) que, em 1550, publicou a obra *As vidas dos artistas*, na qual comparava a Antiguidade Clássica às realizações do presente e do passado da Itália. Dessa forma, enaltecia a produção cultural da Idade Antiga e do seu período e caracterizava a Idade Média como a “Idade das Trevas”, quando, segundo ele, não houve produção intelectual e cultural importantes.

O Renascimento cultural manifestou-se primeiro na região da Toscana, principalmente nas cidades de Florença e Siena, na Itália, de onde se difundiria impulsionado pelo desenvolvimento da imprensa por Gutenberg, o que possibilitou a transição dos textos manuscritos para os impressos, e permitiu a maior circulação dos livros através de uma tiragem maior de exemplares, o que barateava o seu preço, e, conseqüentemente, a maior disseminação da informação. Esta liberdade de acesso favoreceu o advento da ciência em detrimento da fé da Igreja, possibilitando liberdade de pensamento às novas classes sociais que emergem no cenário renascentista europeu no século XV.

Os renascentistas entendiam que, no período medieval, o homem se deixou cegar pela fé, portanto, se opunham a esse sistema que estava baseado na onipotência de Deus e na compreensão do mundo sob a perspectiva da Igreja Católica. Com isso, observamos que já temos nestas ideias a base do movimento que mais tarde ficaria conhecido como Reforma Protestante.

As principais características do Renascimento foram:

- Humanismo: valorização do homem, de suas ações, de sua liberdade, espírito crítico, talento e capacidade de conduzir seu próprio destino. Busca a verdade através do uso da razão e uma forma universal entre os homens, por meio da recuperação de modelos e formas da arte grega e romana.

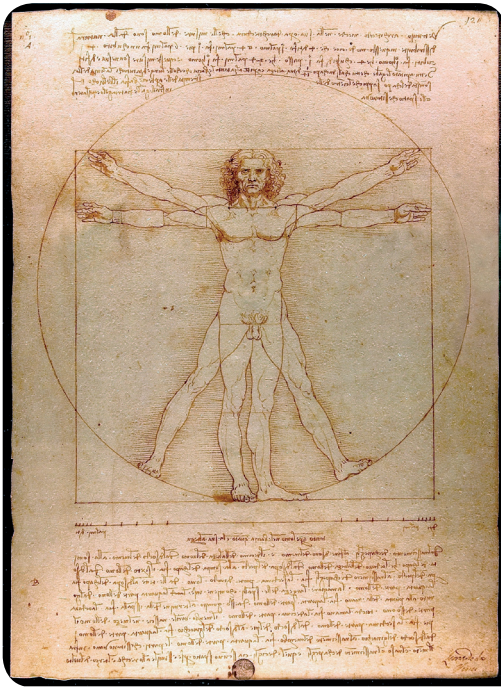


Figura 24: Homem Vitruviano

- **Antropocentrismo:** valorização da capacidade criativa e realizadora do homem, que passa a ser o elemento principal da produção artística e intelectual. Assumindo o papel central, o homem busca respostas por si mesmo, sem a intermediação da Igreja. Esta concepção se contrapõe ao teocentrismo, típico da Idade Média, pelo qual Deus está no centro do universo, sendo o impulsionador do homem e o meio através do qual se obtêm respostas para os dilemas humanos.
- **Naturalismo:** a retratação da natureza – homens, animais e plantas – do modo mais fiel ao real, impulsionando o estudo de anatomia.
- **Classicismo:** retomada dos valores, modelos artísticos, ações e crenças da Antiguidade Clássica (greco-romana). Esta busca indica a intenção de romper com os valores medievais difundidos pela Igreja Católica.
- **Racionalismo:** busca da razão e da observação da natureza, por meio da investigação e da experiência, para a produção do conhecimento. A descoberta da verdade não mais se dá somente por meio da fé, através de princípios religiosos, sem fundamento científico, e sim por meio do pensamento racional.

A partir do século XV, houve um grande avanço técnico na Europa Ocidental. O desenvolvimento da cartografia, que possibilitou a elaboração de mapas mais exatos; os estudos de astronomia; o aperfeiçoamento das embarcações, surgindo a caravela com velas triangulares. Os navegadores passaram a utilizar a bússola e o astrolábio que determinava a latitude e a longitude. Todo esse progresso técnico-científico possibilitou que as navegações a longa distância se transformassem em um empreendimento mais seguro.

A Reforma Religiosa

Você já reparou quantas e diferentes Igrejas e religiões existem hoje? O que a História tem a nos contar sobre os movimentos religiosos durante o período que estamos estudando nesta seção?

Você sabe quais eram as principais críticas à Igreja? Eram a venda de indulgências – o perdão mediante pagamento à Igreja; a simonia, que era a venda ou comércio de objetos considerados sagrados, como possíveis pedaços das roupas de Cristo ou até mesmo partes da cruz em que ele foi sacrificado; e a dúvida sobre o papel do Papa como redentor dos pecados do povo.

De todos os movimentos de contestação o mais importante foi o Luteranismo, liderado pelo monge alemão Martinho Lutero. Em 1517, ele afixou, na porta da Catedral da cidade de Wittenberg, um conjunto de críticas às condutas da Igreja Católica e seus sacerdotes, que ficou conhecido como as 95 Teses. Lutero afirmava que a salvação é somente *obtida mediante a fé* e não por aparência exterior de piedade, nem por obras e nem por sacramentos. Ele negava a necessidade de intermediação entre Deus e os homens através dos clérigos e defendia que *a interpretação da Bíblia era universal*, por isso a traduziu para o alemão para que todos tivessem acesso. A possibilidade de livre interpretação pela sua consciência aliada à imprensa possibilitou uma difusão maior das Escrituras e colocou em xeque a necessidade dos padres como intermediários, pois, eles poderiam dar a interpretação dos textos religiosos segundo o seu entendimento ou interesse.

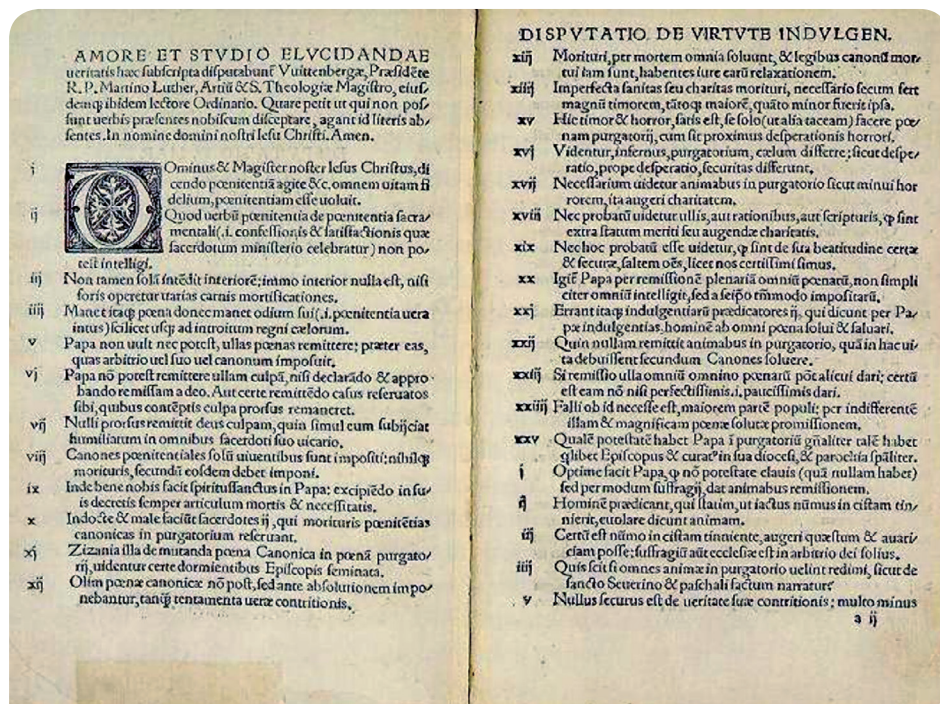


Figura 25: As 95 teses de Lutero.

Após o choque direto com a Igreja, Lutero teve as suas atitudes condenadas, foi excomungado e passou a ser perseguido por ela. Você pode estar se perguntando: se tentativas anteriores, ainda durante a Idade Média, como as lideradas por Huss e Wycliff, foram condenadas com grande severidade, sendo Huss até queimado vivo, e apesar de toda intolerância da Igreja desde o século anterior, por que Lutero não teve o mesmo destino daqueles que foram considerados **hereges** – aqueles que praticavam doutrinas contrárias aos dogmas e crenças da Igreja Católica? É que Lutero contou com o apoio e a proteção dos príncipes locais, bem como de grande parte da população. Além disso, a partir da década de 1530, a nova religião, instituída pela Confissão de Augsburgo, foi adotada por muitos desses principados. Então, enquanto Lutero era acolhido por seu protetor, o príncipe Frederico da Saxônia, diversos nobres alemães se aproveitaram da situação como uma oportunidade para tomar os inúmeros bens que a Igreja Católica possuía na região. Assim, a Reforma Protestante foi o ponto culminante de movimentos de contestação ao poder e à atuação da Igreja Católica, e, posteriormente, outros movimentos que contestavam a Igreja tomariam lugar no continente europeu. Dentre outros movimentos, destacam-se:

Calvinismo

João Calvino (1509-1564) era francês, estudou Teologia e Direito e aderiu às ideias protestantes de Lutero dando expansão à Reforma. Em 1534, quando as autoridades católicas francesas, por intolerância religiosa, começaram a perseguir os protestantes, Calvino fugiu para a Suíça, onde o movimento reformador já se desenvolvia, escreveu “As instituições cristãs” e começou a pregar a sua doutrina. De acordo com a região em que se expandiu, o calvinismo receberia outros nomes: Huguenotes na França, Puritanos na Inglaterra e presbiterianos na Escócia. A diferença mais importante entre os movimentos luteranos e calvinistas referia-se à salvação. Para Lutero, ela se dava pela fé e para Calvino, baseado em uma interpretação de Santo Agostinho, a salvação acontecia pela predestinação, o que significa que nós viemos ao mundo predestinados por Deus a sermos salvos ou condenados. Dessa forma, a nossa salvação não depende da fé e nem das boas obras, mas sim, da escolha divina. E como saber se seremos salvos? Segundo ele, o trabalho, a pureza de costumes, o cumprimento dos deveres para com a sociedade e a família seriam alguns desses sinais. Esse cidadão teria também a sua vida abençoada por Deus, resultando no progresso econômico.

Anglicanismo

Se os motivos que fundamentaram as reformas de Lutero e Calvino foram mais de origem religiosa, o anglicanismo na Inglaterra teve como causa as divergências políticas entre o papado e o rei Henrique VIII. A fim de expandir seus poderes políticos, o monarca buscou um motivo para romper relações com a Igreja Católica e não perder popularidade entre seus vassalos. Henrique VIII era casado com a princesa espanhola Catarina de Aragão, que não teve filhos homens para perpetuar a dinastia dos Tudor no poder inglês, motivo pelo qual Henrique VIII decidiu solicitar a anulação do casamento com Catarina, para que pudesse se casar com a dama da corte Ana Bolena. O papa Clemente VII não atendeu ao pedido do monarca britânico, justificando assim o seu rompimento com a Igreja Católica. Com isso,

os bens (como, por exemplo, as terras) e impostos da Igreja foram transferidos para a Coroa e Henrique VIII tornou-se o chefe supremo da nova religião, a Igreja Anglicana.

A Contrarreforma

A Contrarreforma, também chamada Reforma Católica, foi um processo de reação à expansão das igrejas protestantes e de restauração da Igreja Católica. Ela compreende o conjunto das medidas adotadas pela Igreja para defender-se, como as reformas internas, a fundação da Companhia de Jesus e o **Concílio de Trento** (1545 a 1563), convocado para remediar os abusos da Igreja e definir a doutrina defendida pelo catolicismo. O Concílio é uma reunião de representantes eclesiásticos, ou seja, da Igreja, para deliberar sobre questões de fé, costumes ou doutrina.

As principais medidas do Concílio de Trento, que tem esse nome por ter sido realizado na cidade italiana de mesmo nome, foram: a criação de seminários como centros de formação sacerdotal e o reconhecimento da superioridade do Papa sobre a Assembleia Conciliar, cabendo a ele a palavra final sobre os dogmas defendidos pela Igreja Católica. Também determinou que não houvesse mais acúmulo de “benefícios” nem cargos e que os padres não poderiam ser ordenados antes dos 25 e bispos antes dos 30 anos. Pelo Concílio, também ficou decidido que as crenças eram dadas pela Bíblia ou pela própria Igreja, sendo esta a única autorizada a interpretá-la. É instituído o índice de livros proibidos (*Index*) e foram restaurados os Tribunais da Inquisição, que viriam a funcionar principalmente na Itália, França, Espanha e Portugal, sob o nome de Santo Ofício, julgando e condenando cristãos acusados de infidelidade, heresia, cisma, magia, poligamia, abuso dos sacramentos. Por fim, reafirmou o livre-arbítrio, manteve o celibato clerical, proibiu a venda de indulgências, manteve a veneração a imagens.

Neste período, também surgiram novas ordens religiosas, sendo uma das mais importantes a Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola. Será esta Ordem que dará origem aos jesuítas que se tornaram um importante instrumento no processo de expansão da fé católica. Com organização militar e disciplina rígida, os jesuítas colocam-se, incondicionalmente, a serviço do Papa e desempenham papel fundamental na renovação da Igreja, na luta contra os hereges e na evangelização da Ásia e Américas. A Companhia de Jesus atuou no sentido de fortalecer a posição da Igreja Católica dentro dos países europeus que permaneciam católicos e conquistar as almas perdidas para o protestantismo ou o paganismo. Eles se valeram de abertura de escolas e universidades para educarem e difundirem sua doutrina entre os filhos das famílias nobres.

Intolerância religiosa

Em muitos países europeus, as minorias religiosas foram perseguidas e muitas guerras religiosas ocorreram,

frutos do radicalismo. Um desses conflitos, que ficou conhecido como o Massacre da Noite de São Bartolomeu, começou em Paris, em 24 de agosto de 1572, cometido contra protestantes reunidos para o casamento de seu líder Henrique de Navarra com Margarida Valois. As matanças, organizadas pela casa real francesa, duraram vários meses e se espalharam por outras cidades francesas, resultando na morte de entre 30 mil e 100 mil protestantes franceses, chamados huguenotes.



Figura 26: O Massacre da Noite de São Bartolomeu.

E você, o que pensa da intolerância religiosa? Agora você já sabe que a intolerância religiosa caracteriza falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferenças ou crenças religiosas. E viu que muitas guerras foram realizadas em nome da religião e da intolerância. Afinal, será isto (guerra, tragédia e mortes) o que as religiões, sejam quais forem, pregam e propõem para os seus seguidores?

A Constituição brasileira prevê a liberdade de religião e proíbe qualquer tipo de intolerância religiosa. A Igreja e o Estado estão oficialmente separados, pois o Brasil é um país laico. Isso significa que não há uma religião oficial e que o Estado deve manter-se imparcial no tocante às religiões. Ela passou a garantir o tratamento igualitário a todos os seres humanos, quaisquer que sejam suas crenças.

No Brasil, considera-se crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões. Ninguém pode ser discriminado em razão de credo religioso. O crime de discriminação religiosa é inafiançável (o acusado não pode pagar fiança para responder em liberdade) e imprescritível (o acusado pode ser punido a qualquer tempo). Para não

esqueçermos que todos têm o direito a professar a religião que escolherem, foi decretado, em 2007, o dia 21 de janeiro como o dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa.



Foto: Blog Coletivos Provocações

Figura 27: Dia Nacional do combate á intolerância religiosa

Expansão Marítima

Durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente os portugueses e espanhóis, lançaram-se aos oceanos com o objetivo de buscar novos caminhos para as Índias. Esse período ficou conhecido como a Era das Grandes Navegações ou da Expansão Marítima.

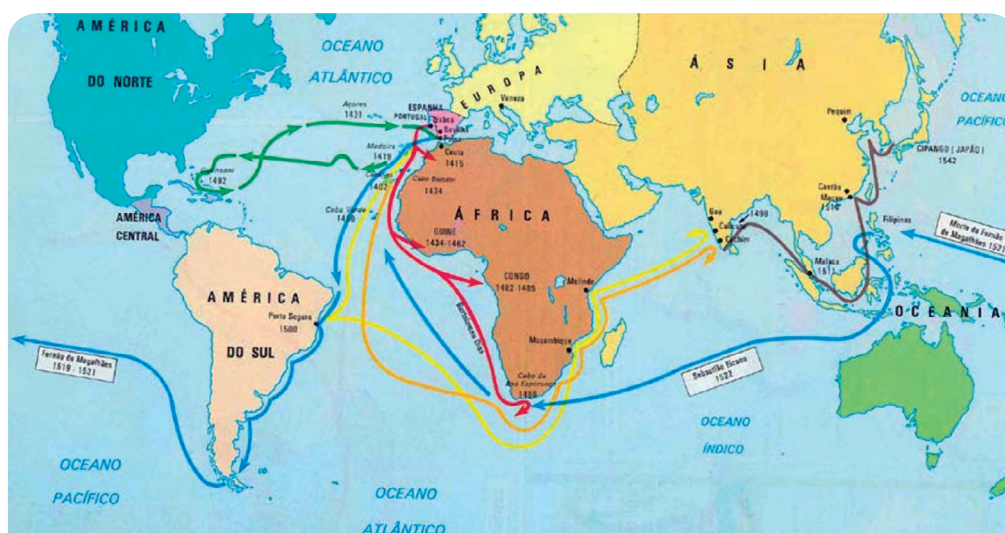


Figura 28: Grandes Navegações

A partir do século XIII, podemos observar na Europa o início de duas revoluções científicas. A primeira, ocorrida entre o século XIII e XIV, foi apoiada no contato dos europeus com povos distantes da Ásia a partir das caravanas, o que gerou o aumento do comércio e a construção de um mundo em torno do Mediterrâneo. Foi nesse período, por exemplo, que os europeus conheceram instrumentos como a bússola, criada na China.

Os historiadores apontam diferentes fatores que estimularam a expansão marítima europeia. Entre elas destacam-se a busca de produtos orientais para vender na Europa e a procura de ouro e prata. Entre as mercadorias do Oriente consideradas mais valiosas estavam as chamadas especiarias: açafrão, canela, cânfora, cravo, gengibre, noz moscada e pimenta. Além de servirem como tempero, elas eram usadas para conservar os alimentos e para a fabricação de remédios.

O crescimento da burguesia, grupo que começava a se estabelecer como força econômica se dedicando às atividades comerciais, aumentou a demanda por produtos considerados de luxo na época, como, por exemplo, as especiarias e o açúcar. Controlados pelos mercadores árabes, os produtos que vinham do Oriente chegavam à Europa Ocidental através do Mar Mediterrâneo que, por sua vez, era controlado desde 1453 pelos turcos-otomanos. Após o comércio com os turcos-otomanos, as mercadorias seguiam para as cidades italianas de Gênova e Veneza, de onde eram levadas para o restante da Europa. O grande número de intermediários, bem como a dificuldade de negociar com os turcos-otomanos (não cristãos), tornava as mercadorias muito caras.

Porém, se fosse descoberta uma nova rota marítima que ligasse a Europa diretamente aos mercados do Oriente, haveria a quebra do monopólio turcos-otomano e o preço das especiarias diminuiria, aumentando o seu consumo, o que geraria um mercado muito lucrativo. Essa possibilidade levou muitos portugueses a se aventurar pelo Atlântico e levou governantes europeus a incentivar o processo de expansão marítima. Assim, países como Portugal e Espanha, líderes na Expansão Marítima, que sofriam com os preços altos das especiarias, realizaram mais investimentos na procura de novas rotas para o comércio com o Oriente, e também foram eles que, por uma série de fatores, obtiveram maior êxito nesse empreendimento. Processo que culminou na chegada e domínio dos europeus sobre nosso continente.

Resumo

Nesta unidade, você aprendeu que:

- A História é uma ciência dos homens no tempo e no espaço.
- Cultura é toda expressão, manifestação ou costume produzido pelos grupos sociais.
- A escravidão, como forma de trabalho, foi praticada por diversos povos da Antiguidade.

- A cidadania e a democracia são conceitos herdados dos gregos, embora a democracia e a cidadania em Atenas fossem muito diferentes das aplicadas nos dias atuais.
- A sociedade medieval era constituída de três ordens distintas: os que oravam, os que trabalhavam e os que guerreavam.
- Entre as características do Renascimento podemos destacar: as influências das culturas grega e romana e a valorização do homem que, junto com a razão e a ciência, abandonam o teocentrismo medieval.
- A Igreja Católica e o Papado foram questionados por Martinho Lutero no século XVI.
- A Contrarreforma Católica foi uma tentativa de evitar a expansão do protestantismo.
- A era das Grandes Navegações possibilitou que as diferentes culturas existentes no mundo se encontrassem.
- O Brasil é um estado laico que reconhece a liberdade de práticas religiosas.
- A religiosidade dos indivíduos e grupos sociais representam um direito básico da cidadania.

Veja ainda

Filme

- Lutero (2003). Direção de Eric Till.

O filme narra a vida do ex-monge Martinho Lutero e sua luta pela reformulação da fé cristã. Nele, é possível, identificar a formação de Lutero, sua vida no mosteiro e sua relação com os principados germânicos da época.

- O Nome da Rosa (1986). Direção de Jean-Jacques Annaud

O filme conta a história de um mosteiro medieval onde começam a acontecer misteriosas mortes e mostra a religiosidade medieval e o universo daqueles monges copistas.

Referências

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CHAUNU, Pierre. *O tempo das reformas (1250-1550)*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- DEYON, Pierre. *O Mercantilismo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUBY, George. *O tempo das Catedrais*. A arte e a sociedade. Lisboa: Estampa, 1979.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DALLARI, D. A. *Direitos Humanos e Cidadania*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- LE GOFF, Jacques. O ritual Simbólico da Vassalagem. In: *Para um novo conceito de Idade Média. Tempo trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*, 21ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania?* São Paulo: Brasiliense, 2002.

Imagens

Figura 1: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/47/Acer_Aspire_8920_Gemstone_by_Georgy.JPG

Figura 2: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/52/-3000_Amphore_Kugelamphorenkultur_anagoria.JPG?uselang=pt

Figura 3: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=9289>

Figura 4: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro>

Figura 5: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carnaval_de_Rio_-_Porte-drapeau.jpg?uselang=pt-br

Figura 6: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mr._Thug_e_Mr_Catra_na_Intercollege.JPG

Figura 7: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/54/Bonafide_2011.jpg

Figura 8: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bienenkoenigin3.jpg>

Figura 9: http://it.wikipedia.org/wiki/File:Tomb_of_Nakht_%28%29.jpg

Figura 10: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ancient_Egypt_map-pt.svg

Figura 11: <http://es.wikipedia.org/wiki/Cigo%C3%B1al>

Figura 12: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:MLS_Kou%C5%99im,_studna_s_vodn%C3%ADm_vahadlem.jpg?uselang=pt

Figura 13: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Roman_Colosseum_With_Moon.jpg

Figura 14: http://pt.wikipedia.org/wiki/Les_tr%C3%A8s_riches_heures_du_duc_de_Berry#Os_meses
Acesso em 05/12/13.

Figura 15: http://pt.wikipedia.org/wiki/Les_tr%C3%A8s_riches_heures_du_duc_de_Berry#Os_meses
Acesso em 05/12/13.

Figura 16: http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3runs_imperiais

Figura 17: http://pt.wikipedia.org/wiki/Migra%C3%A7%C3%B5es_dos_povos_b%C3%A1rbaros

Figura 18: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51143>
Acesso em 05/12/13.

Figura 19: http://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe_IV_de_Fran%C3%A7a

Figura 20: http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_M%C3%A9dia

Figura 21: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Reeve_and_Serfs.jpg

Figura 22: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Battle_of_crecy_froissart.jpg

Figura 23: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Escribano.jpg>

Figura24: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Da_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg

Figura 25: http://pt.wikipedia.org/wiki/Reforma_Protestante

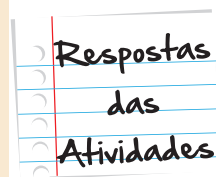
Figura 26: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Francois_Dubois_001.jpg

Figura 27: <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>

Figura 28: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=34483>

Atividade 1

- a. Resposta pessoal. Você poderá relacionar profissões como Engenharia, Medicina ou Direito. Ou ainda profissões especializadas como técnico de soldagem.
- b. Você deverá relacionar o domínio de técnicas especializadas de trabalho à valorização de um profissional no mercado. Quanto menos especializado é um profissional, menor é sua valorização no mercado de trabalho. Por exemplo, existe uma diferença salarial entre um cozinheiro e um *chef*, que estudou e se especializou em escolas de gastronomia. Em nossa sociedade, há uma valorização das atividades que implicam em maior tempo de estudo formal, institucionalizado. Você poderá relacionar profissões como lixeiro ou empregadas domésticas – que prescindem de pouca formação e especialização.



Atividade 2

- a. Você terá de analisar a letra e perceber que a mulher ateniense vivia em condição de submissão ao homem, não tendo direitos políticos e poder de participação das decisões da cidade.
- b. As mulheres na sociedade ocidental possuem o direito a voto e a participação no jogo político. Contudo, muitas ainda vivem em condição de submissão ao homem, situação decorrente do machismo.

Atividade 3

- a. Trata-se da relação de vassalagem.
- b. Os dois homens eram chamados suserano e vassalo. O suserano doava um benefício, geralmente um feudo, para o vassalo que, em troca jurava fidelidade e ajuda militar.



O que perguntam por aí?

Questão 1 – (Enem 2012)

“

Assentado, portanto, que a Escritura, em muitas passagens, não apenas admite, mas necessita de exposições diferentes do significado aparente das palavras, parece-me que, nas discussões naturais, deveria ser deixada em último lugar.”

GALILEI, G. Carta a Benedetto Castelli. In: *Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. São Paulo: Unesp, 2009. (adaptado)

”

O texto, extraído da carta escrita por Galileu (1564-1642) cerca de trinta anos antes de sua condenação pelo Tribunal do Santo Ofício, discute a relação entre ciência e fé, problemática cara no século XVII. A declaração de Galileu defende que

- a. a Bíblia, por registrar literalmente a palavra divina, apresenta a verdade dos fatos naturais, tornando-se guia para a ciência;
- b. o significado aparente daquilo que é lido acerca da natureza, na Bíblia, constitui uma referência primeira;
- c. as diferentes exposições quanto ao significado das palavras bíblicas devem evitar confrontos com os dogmas da Igreja;
- d. a Bíblia deve receber uma interpretação literal porque, desse modo, não será desviada a verdade natural;
- e. os intérpretes precisam propor, para as passagens bíblicas, sentidos que ultrapassem o significado imediato das palavras.

Resposta: E

Questão 2 – (ENEM 2009)

Segundo Aristóteles,



na cidade com o melhor conjunto de normas e naquela dotada de homens absolutamente justos, os cidadãos não devem viver uma vida de trabalho trivial ou de negócios – esses tipos de vida são desprezíveis e incompatíveis com as qualidades morais – tampouco devem ser agricultores os aspirantes à cidadania, pois o lazer é indispensável ao desenvolvimento das qualidades morais e à prática das atividades políticas.

(VAN ACKER, T. Grécia. A vida cotidiana na cidade-Estado. São Paulo: Atual, 1994).



O trecho, retirado da obra *Política*, de Aristóteles, permite compreender que a cidadania

- a. possui uma dimensão histórica que deve ser criticada, pois é condenável que os políticos de qualquer época fiquem entregues à ociosidade, enquanto o resto dos cidadãos tem de trabalhar;
- b. era entendida como uma dignidade própria dos grupos sociais superiores, fruto de uma concepção política profundamente hierarquizada da sociedade;
- c. estava vinculada, na Grécia Antiga, a uma percepção política democrática, que levava todos os habitantes da polis a participarem da vida cívica;
- d. tinha profundas conexões com a justiça, razão pela qual o tempo livre dos cidadãos deveria ser dedicado às atividades vinculadas aos tribunais;
- e. vivida pelos atenienses era, de fato, restrita àqueles que se dedicavam à política e que tinham tempo para resolver os problemas da cidade.

Resposta: C





A conquista europeia na África e na América

Fascículo 1
Unidade 2

A conquista europeia na África e na América

Para início de conversa...

Imagine viajar por lugares nunca antes sonhados, onde as pessoas andassem nuas, os frutos das árvores fossem de ouro, os animais de cores intensas e fortes, não haveria fome e sede, em que faria calor todos os dias do ano e as pessoas seriam de cor de pele, cabelo, fisionomia diferentes da nossa. Por outro lado, haveria monstros marinhos, animais com duas cabeças, a água poderia ferver e cozinhá-los a qualquer momento...

Quantas possibilidades, não é mesmo? Era essa a atmosfera do período das Grandes Navegações: homem novo, mundo novo!

Um dos livros que alimentou a imaginação das pessoas nessa época foi “O Mundo das Maravilhas”, de Marco Polo. Ele descreveu o que encontrou em suas “viagens”:

“

(...) fizera-se um belíssimo jardim, com todos os frutos e árvores que soubera encontrar e, ao redor daqueles, diversos e vários palácios e casas, adornados com trabalhos em ouro, pinturas, e equipados com tecidos de seda. Ali, por algumas canaletas que desembocam em diversas partes desses palácios, se via correr vinho, leite e mel e água claríssima (...).” (Porto Alegre, LP&M, 1996).

”

Mas, quem foi Marco Polo?

Marco Polo foi um mercador veneziano que, entre os séculos XIII e XIV, percorreu a rota da seda, conheceu regiões e povos do oriente e descreveu a geografia desses lugares, antes pouco conhecida pelos europeus ocidentais.

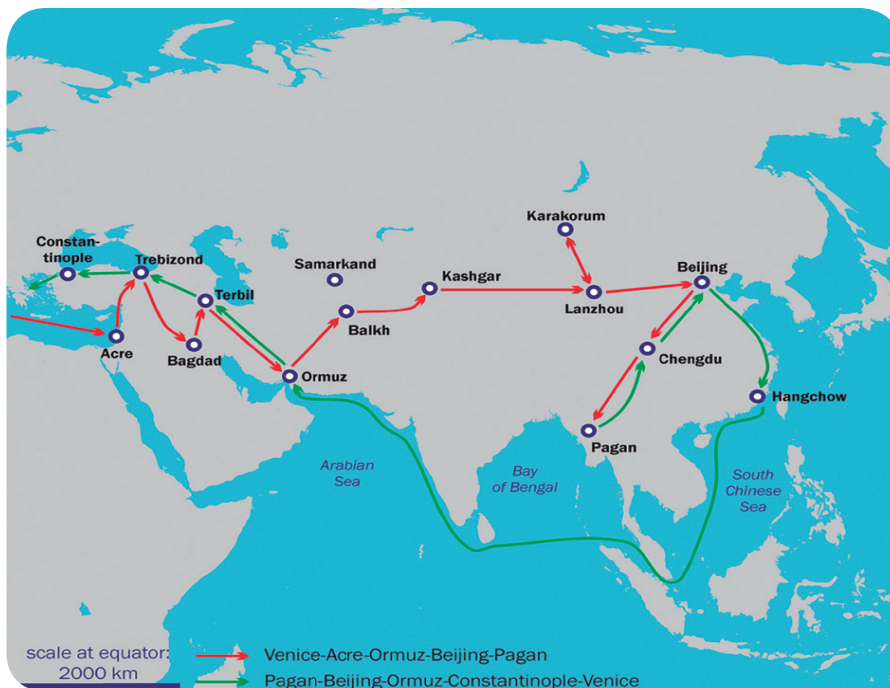


Figura 1: Viagens de Marco Polo.

O fascínio dessas histórias, tais como as contadas por Marco Polo, foi um fator do processo de expansão marítima da Europa entre os séculos XV e XVI. De fato, a observação dos mapas da época nos permite mergulhar neste universo e compreender as dimensões do mundo conhecido e as expectativas em torno do que viria.

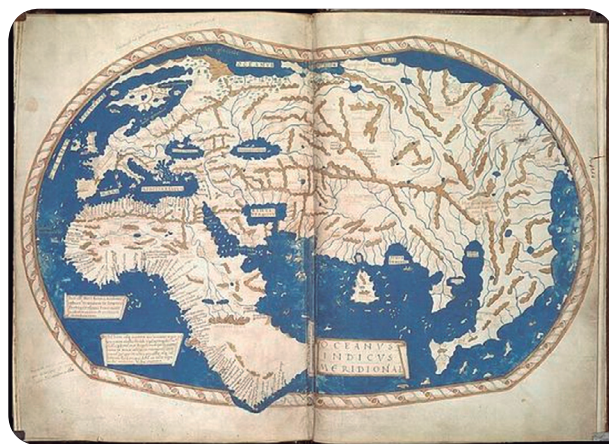


Figura 2: Mapa I – Mapa-múndi de Henricus Martellus, de 1489.



Figura 3: Mapa II – Mapa-múndi de Martin Waldseemüller, de 1507.



Figura 4: Mapa III de Martin Waldseemüller no qual a denominação "América" aparece pela primeira vez.

Observe os mapas anteriores. Eles são iguais às representações geográficas do mundo que temos atualmente? Você acha que eles foram desenhados por europeus, como o italiano Marco Polo, ou por homens que viviam nos continentes africano ou americano?

Antes de respondermos a essas e outras questões, devemos ter em mente que o mundo conhecido pelos chamados "ocidentais" nem sempre foi igual ao que conhecemos hoje. Embora povos e culturas diferentes tenham sem-

pre existido, a ideia do que conhecemos hoje como África, Ásia, Américas, Europa e Oceania são construções nascidas das concepções dos europeus, que viveram a expansão marítima e comercial, entre os séculos XV e XVI.

Isso significa que a África e a América, por exemplo, não existiam antes?

Os continentes e as populações que nele habitavam – em sua diversidade – existiam, é claro. O conjunto daquilo que hoje nomeamos África e América, não necessariamente. Para esclarecer isso um pouco melhor, que tal uma rápida viagem por essas partes do mundo antes do século XV? Que tal conhecermos as novidades trazidas pelo processo de conquista e colonização, empreendido pelos europeus a partir de então?

Vamos lá?

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a diversidade política e cultural e as relações estabelecidas entre europeus, africanos e povos nativos da América, no processo de colonização.
- Comparar as colonizações inglesa, francesa, espanhola e portuguesa.
- Caracterizar as relações de trabalho estabelecidas nas colônias.
- Analisar as diferentes atividades socioeconômicas desenvolvidas na América colonial.

Seção 1

Relações Atlânticas: mercantilismo, escravidão e relações entre negros, indígenas e europeus



Mar português

“Ó, mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram! [...]

Quem quer passar do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele foi que espelhou o céu.”

(PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Difel, 1986.)



Na cultura portuguesa, o mar ocupa um lugar muito importante. Sabe por quê? É que desde o século XV, pelo menos, a saída para os problemas portugueses tem sido o mar. A relevância do domínio das grandes navegações que tornaram possível cruzar o oceano Atlântico e entrelaçar suas margens é marcante na História. Foi a partir dessa iniciativa que sociedades distantes como os reinos africanos, os impérios Inca e Asteca na América, as tribos tupis, no Brasil, estabeleceram laços e definiram suas relações.

O que não aparece no trecho do poema de Fernando Pessoa é o “Outro” envolvido na questão. Seja ele africano, nativo americano ou europeu, as chamadas relações atlânticas se estabeleceram sob o prisma da dominação colonial.

Vamos compreender isso um pouco melhor?

Sociedades Africanas

Certamente você já ouviu falar muito sobre a África. Vamos listar algumas imagens que vem à cabeça sobre aquele continente? Animais selvagens, pobreza, guerras tribais, fome. Acertei? Pois é. De uma maneira geral, costu-

maos pensar o continente como se sua população, paisagem e realidade fossem homogêneas. Como você sabe, nossa maneira de ver o mundo é muito marcada pelo **etnocentrismo** e pelo **eurocentrismo**. A realidade, porém, é muito diferente disso. No continente africano, fala-se mais de mil diferentes idiomas, existem paisagens desérticas, savanas e florestas, além de sociedades em diferentes níveis de desenvolvimento tecnológico. A diversidade é tamanha que precisamos fazer escolhas. Dessa forma, optamos por levá-lo, ainda que rapidamente, à África Atlântica, aquela que vai do que hoje denominamos de Senegal a Angola.



Figura 5: África Continental.

Etnocentrismo

Avaliação ou julgamento de outros indivíduos ou sociedades à luz dos nossos próprios valores.

Eurocentrismo

Visão de mundo que coloca os valores europeus como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade considerada moderna.

Apesar do eurocentrismo, no estudo sobre o passado, podemos conhecer as sociedades africanas no período anterior à chegada dos conquistadores europeus, particularmente os impérios de Gana, do Mali, do Songai e de Hauçá podem ser estudados e conhecidos. É que estes povos deixaram registros escritos e arqueológicos que são utilizados como fontes de estudo e conhecimento dos povos africanos.

Sabe-se, por exemplo, que as organizações sociais e políticas variavam muito, de pequenas aldeias, microestados, a impérios com estrutura política e tributária. Importantes centros urbanos e comerciais foram localizados no Congo, em Moçambique e no Chade. Cidades como Tombuctu e Djenné prosperaram em função das rotas que atravessavam o deserto do Saara e das que vinham do sul do continente. **Mesquitas**, escolas e universidades foram ali criadas.

Mesquita

Local de culto para os seguidores do islamismo.

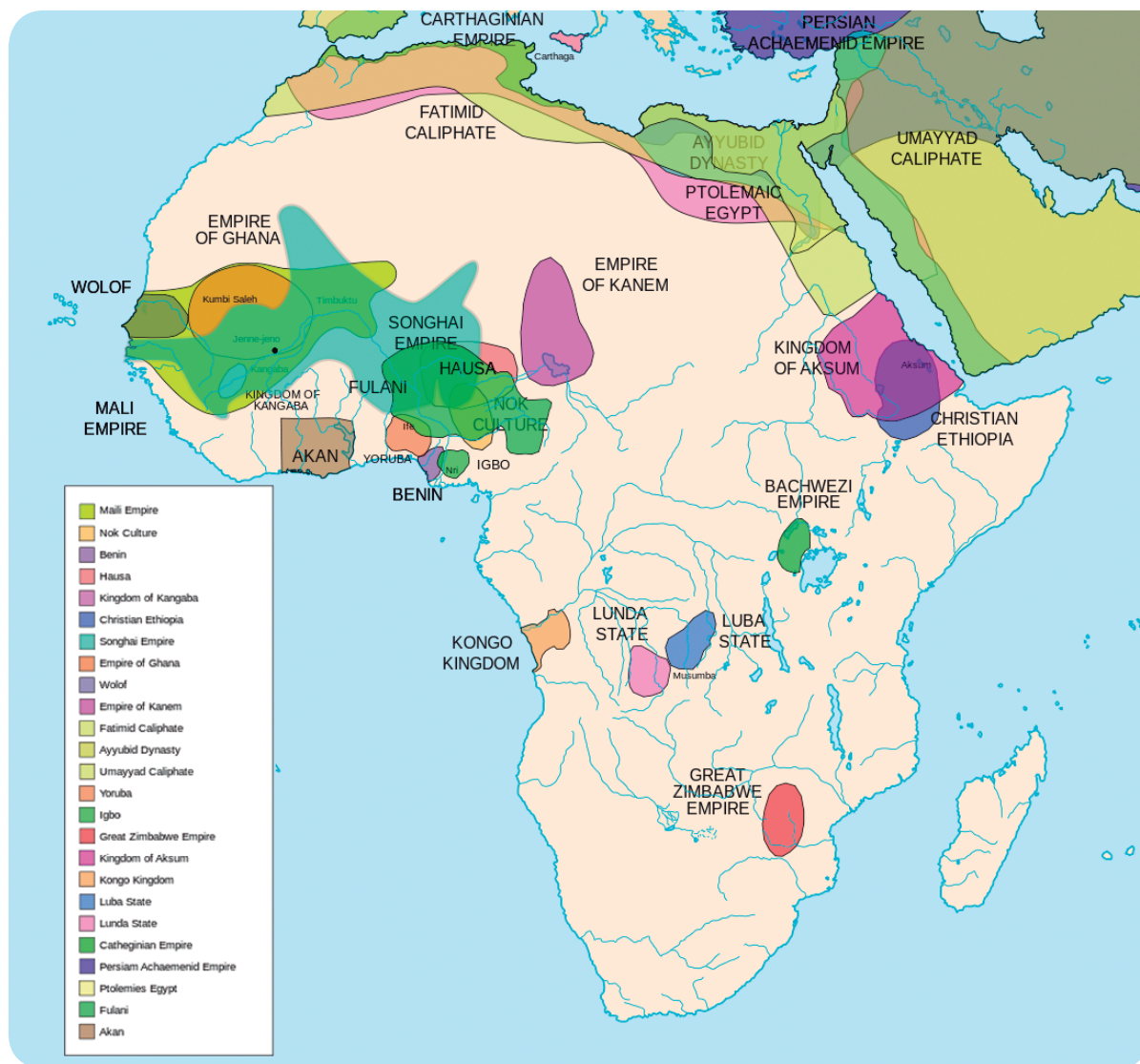


Figura 6: Diferentes grupos étnicos presentes na África antes das Grandes Navegações dos séculos XV-XVI.

O mesmo se pode dizer sobre o nível de desenvolvimento tecnológico. Os Dogon, do Mali, por exemplo, dominavam a astronomia e compreendiam que os planetas giram sobre si próprios e à volta do sol.

As religiões encontradas na África variam e diferem entre si, mas sabe-se que o culto à Natureza e aos animais faz parte da maioria delas. É notável também a expansão do islamismo na África.

Saiba Mais

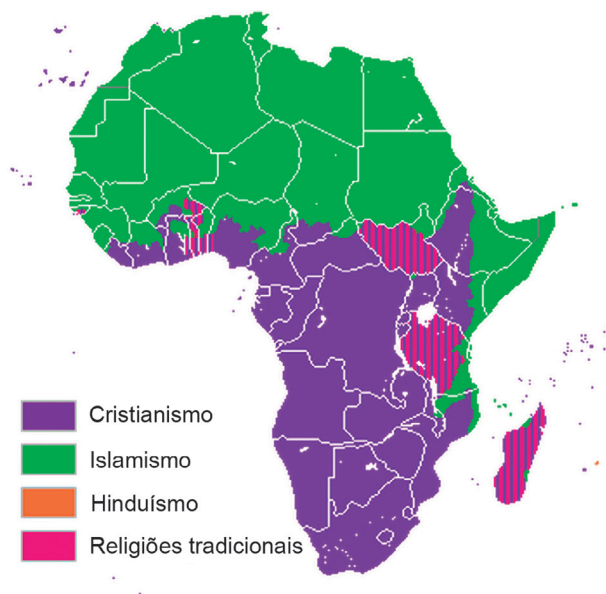


Figura 7

A observação do mapa, feito em 2005, mostra o alcance da religião islâmica na África contemporânea.

Fundada no século VII, por Maomé, a religião islâmica baseia-se no livro sagrado o “Alcorão” e se difundiu na África no século VIII.

Os adeptos do islamismo são chamados de muçulmanos.

O alcorão chega junto com as barras de sal, os fardos dos tecidos, os cestos, os objetos de cobre e os alimentos. (...) A gente local, devota de divindades ligadas à terra, às águas, às árvores, temia e respeitava este mito de comerciantes e sacerdotes, que perambulavam com talismãs ao pescoço – saquinhos de couro contendo um trecho do Corão capazes de protegê-los de feitiçarias e inimigos. Além disso, previam o futuro, cuidavam dos enfermos e rezavam para chover.

(PRIORI, Mary Del e VENÂNCIO, Renato. *Ancestrais: uma introdução à História da África atlântica*. São Paulo: Edusp, 2004).

A vida e a organização dos povos africanos mudou significativamente com a intensificação do comércio de pessoas por europeus. A escravidão de africanos, vendidos na América, na região do Mediterrâneo e na Ásia, entre os séculos XVI e XIX, conhecida como **diáspora africana** na perspectiva africana, retirou cerca de 12,5 milhões de pessoas do continente.

Diáspora africana

Dispersão por emigração forçada da população africana para países que utilizavam mão de obra escrava.

A escravidão já existia na África antes da chegada dos europeus, sua natureza e dimensões eram, entretanto, muito diferentes. No período pré-colonial, o escravo era vinculado a uma família e, sendo sua propriedade coletiva, não podia ser vendido. Seus filhos nasciam livres e havia certa autonomia econômica e cultural, embora os escravos devessem pagar tributos aos seus senhores. Com a chegada dos europeus, a escravidão transformou-se no principal negócio entre esses e os africanos, o que motivou a intensificação de guerras entre povos africanos no intuito de capturar escravos para serem vendidos aos europeus. Além disso, os armamentos obtidos neste comércio ampliaram a capacidade de destruição dessas guerras.

“

A abertura do Atlântico ao comércio marcou uma ruptura radical na história da África, especialmente porque este comércio também envolvia a exportação de milhares de escravos. Antes desse desenvolvimento comercial, as costas atlânticas da África tinham estado praticamente isoladas do mundo exterior. Certa quantidade de sal e peixe era comercializada no interior em troca de alimento, mas, de um modo geral, a linha do litoral era uma barreira. A mudança tecnológica do transporte oceânico teve um enorme impacto econômico, tornando disponíveis novas fontes de riqueza para os habitantes locais, facilitando a mudança política numa escala sem precedentes. A escravidão ali estava intimamente associada a essa transformação, não apenas porque os escravos eram o principal item de exportação, mas também porque eles tornaram-se muito mais comuns na sociedade local do que anteriormente.

(LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002).

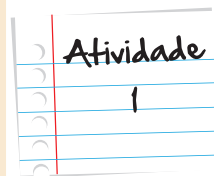
”

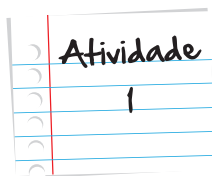
“

A história do Brasil não pode ser escrita sem considerarmos o que estava acontecendo no outro lado do Atlântico, em cada uma das regiões de onde o Brasil recebia escravos para povoar e desenvolver o seu vasto território.

(Costa e Silva, p. 24)

”





Leia estes textos e responda:

- a. Em que medida as “relações atlânticas” promovem rupturas na África?
- b. Em que medida essas mesmas relações definem o que virá a ser chamado Brasil?

Anote suas
respostas em
seu caderno

As sociedades indígenas

Se perguntarmos à Wikipedia o que é um indígena, receberemos a seguinte resposta:

“São designados como **povos aborígenes, autóctones, nativos, ou indígenas**, aqueles que viviam numa área geográfica antes da sua colonização por outro povo ou que, após a colonização, não se identificam com o povo que os coloniza. A expressão **povo indígena**, literalmente “*originário de determinado país, região ou localidade; nativo*”, é muito ampla, abrange povos muito diferentes espalhados por todo o mundo. Em comum, têm o fato de que cada um se identifica com uma comunidade própria, diferente acima de tudo da cultura do colonizador.”
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%ADgenas>.

Reparou que a nomenclatura implica uma relação colonial? Pois é. Ao chegarem às Américas, os colonizadores europeus definiram os habitantes da terra como *índios*. Mais uma vez, a diversidade e especificidade das organizações sociais nativas foram subordinadas à lógica dos conquistadores. Etnocentrismo e eurocentrismo. Lembra?

Também no continente americano, a generalização resultou imprecisa e preconceituosa. É que por aqui viviam povos muito diferentes entre si. Para se ter uma ideia, somente no que viria a ser o Brasil havia inúmeras tribos, falando diversos idiomas.



Figura 8: América pré-colombiana.

Na América Central e no México, os Maias haviam desenvolvido uma civilização cuja memória se eternizou em construções como o templo de Tikai. Os Maias não chegaram a organizar um estado centralizado; desenvolveram um tipo de organização dividido em famílias, onde cada centro urbano possuía autonomia e comandava as comunidades camponesas ao seu redor. Tinham conhecimentos avançados em astronomia, matemática, atividades médicas e farmacêuticas. Mas, sem dúvida, a arquitetura e a engenharia representaram as áreas de conhecimento mais desenvolvidas por eles. Seus grandes centros religiosos, pirâmides e canais de irrigação de água surpreenderam os conquistadores europeus.



Figura 9: Pirâmide maia na cidade de Chichen Itza, México.

No atual México e nos Andes, desenvolveram-se duas civilizações urbanas, complexas e de grande concentração populacional: a Asteca e a Inca.

Organizados na forma de império, os astecas conviviam com diversos idiomas, costumes e culturas diferentes. A unidade se dava através do aspecto religioso e, principalmente, através da centralização militar. A sustentação da economia do império era baseada no pagamento de tributos em forma de mercadorias agrícolas, essencialmente cereais como milho e feijão.

Ao contrário dos Astecas, o império Inca era bastante centralizado. O estado era capaz de controlar rigidamente a vasta extensão territorial, que hoje corresponde ao norte da Argentina, o Chile, o Peru até a fronteira do Equador. Criou-se uma burocracia administrativa e militar em que funcionários do Estado, a classe mais privilegiada da sociedade, podiam controlar a produção agrícola por todo o território.



Saiba Mais

Mita – Forma de trabalho compulsório empregado na extração de minérios. Os índios eram escalados por sorteio para uma temporada de serviços. Ao final da temporada recebiam uma baixa quantidade do minério extraído.

Encomienda – Sistema de trabalho que deixava as comunidades indígenas sob os cuidados de um *encomendero*, que poderia utilizar a mão de obra para o desenvolvimento de atividades agrícolas ou extração de metais preciosos. Em troca, o *encomendero* deveria assegurar o oferecimento da educação religiosa cristã para a comunidade nativa.



Figura 10: Tláloc, deus náhuatl, da chuva.

Muito diferente disso era a realidade dos povos que habitavam o território brasileiro. Esses povos eram, em sua maioria, **nômades** e **seminômades**, viviam em sociedades igualitárias sem a preocupação de acumular excedentes para a sobrevivência. Como não conheciam a escrita, as fontes utilizadas para desvendar sua história são, em sua maioria, arqueológicas. Divididos em tribos, de acordo com o tronco linguístico ao qual pertenciam, eram: tupi-guaranis (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do Planalto Central), aruaques (Amazônia) e caraíbas (Amazônia).



Figura 11: Distribuição das comunidades indígenas à época da chegada dos europeus.

Nômade

Pessoa ou comunidade sem moradia fixa, que vive permanentemente mudando de lugar. Em geral, as mudanças são realizadas em função da falta de alimentos.

Seminômade

Pessoa ou comunidade que mantém residência fixa por um curto período de tempo. Em geral, em moradias portáteis, com o desenvolvimento de uma pequena agricultura.



Figura 12: Povos indígenas.

Atividade

2

A cidade Asteca de Tenotchtlán

“Quando lá chegamos, ficamos atônitos com a multidão de pessoas e a ordem que prevalecia, assim como a vasta quantidade de mercadorias. Cada espécie tinha seu lugar particular, que era distinto por sinal. Os artigos consistiam em ouro, prata, joias, plumas, mantas, chocolate, peles curtidas ou não, sandálias e outras manufaturas de raízes e fibras de juta, grande número de escravos homens e mulheres, muitos dos quais estavam atados pelo pescoço, com gargalheiras e longos paus.”

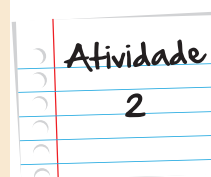
Citado por MEGGERS, Betty. *América pré-histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.



A cidade de Cuzco

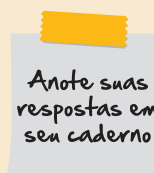
“Era grande e majestosa e deve ter sido fundada por gente capaz e inteligente. Tem ruas muito boas, embora estreitas, e as casas estão construídas de maciças pedras (...) Cuzco era a cidade mais rica das Índias, pelo grande acúmulo de riquezas que chegavam a ela com frequência.”

LEON, Pedro Cieza de. *The travels of Pedro Cieza Leon*, 1553. In: GUALDAMES, Osvaldo Silva. *Civilizações prehispânicas de América*. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1985.



Sabendo-se que os dois textos foram escritos por europeus,

- Retire pelo menos dois trechos que demonstram a surpresa dos conquistadores em relação aos conquistados.
- Justifique o uso do termo “índio” para nomear as populações nativas da América.
- Uma descrição como esta poderia ter sido feita sobre as populações nativas do Brasil? Por quê?



Conquista e colonização

O encontro das culturas africana, americana e europeia se deu no contexto da expansão marítima e comercial que, entre os séculos XV e XVI, procurou resolver os problemas econômicos europeus decorrentes, entre outros aspectos, da falta de metais preciosos e da necessidade de vencer o monopólio muçulmano sobre o comércio de especiarias.

Você deve se lembrar também de que os portugueses foram os primeiros a chegar ao Oriente, navegando pelo Atlântico. A partir daí, o eixo comercial foi progressivamente deslocado do Mar Mediterrâneo para o Oceano Atlân-

tico. Esse deslocamento correspondeu ao declínio de poder das cidades italianas e, ao mesmo tempo, à projeção de Portugal, Espanha, França e Inglaterra.

Sob a marca da fé cristã e correspondendo aos interesses **mercantilistas**, esses países dominaram a costa africana, a América, além de pontos na Ásia. De acordo com o historiador Francisco Falcon,

“

o mercantilismo deve ser entendido como o conjunto de ideias e práticas econômicas que caracterizam a história econômica europeia e, principalmente, a política econômica dos Estados Modernos europeus durante o período situado entre os séculos XV, XVI e XVIII.

(FALCON, Francisco. *Mercantilismo e transição*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 7)

”

Apesar das variações no espaço e no tempo, as práticas mercantilistas se caracterizam pela intervenção do Estado na economia, regulando a produção e circulação de bens, e a busca da balança comercial favorável, o que implica práticas de proteção alfandegária e protecionismo do mercado interno. A meta seria fortalecer o Estado através do entesouramento de metais preciosos no território nacional. As regras de exclusividade comercial e pacto colonial são derivadas desta compreensão.

Portugal e Espanha adotaram as práticas mercantilistas metalistas ou bulionistas que se baseavam na ideia de que a riqueza corresponde à capacidade de acumular o máximo de ouro e prata. Com o domínio das rotas atlânticas, do comércio de escravos e, principalmente, da extração de ouro e prata nas colônias da América, os países ibéricos assumiram liderança econômica incontestável entre os séculos XV e XVII.

Não tardou, contudo, para que França, Inglaterra e Holanda se lançassem à conquista colonial e inventassem práticas mercantilistas próprias. Assim, os franceses procuraram impulsionar a produção de produtos industriais que pudessem favorecer a balança comercial daquele país. Já os ingleses, apoiados em proposta semelhante, desenvolveram a marinha mercante como forma de obtenção de riquezas e favorecer sua expansão colonial rumo à Pérsia, à Índia e à América. Os holandeses se especializaram na circulação de mercadorias e do crédito, tendo se transformado em transportadores, gerenciadores do comércio colonial e banqueiros.

Dentre as práticas mercantilistas, podemos destacar:

Balança comercial favorável – Estratégia econômica que buscava favorecer as exportações e limitar as importações de forma a garantir a acumulação de riquezas dentro do país.

Protecionismo alfandegário – Consistia na cobrança de impostos sobre a importação de produtor estrangeiros, encarecendo-os. Desta forma, buscava-se favorecer a venda de produtos nacionais de um país em seu território.

Metalismo – Política econômica baseada na ideia de que a riqueza de um país era equivalente à quantidade de metais preciosos que conseguisse acumular em seus tesouros. Conquistar e manter áreas produtoras de ouro e prata tornava-se, por isso, o tema central da política econômica dos governos.

Exclusivismo comercial – Como se acreditava que a riqueza disponível sobre a terra, especialmente em metais preciosos, era finita e inelástica, a concepção mercantilista sustentava que os países que primeiro conquistassem áreas produtoras de riquezas deveriam mantê-las de forma exclusiva, impedindo a ação de outros países naquela região. O pacto colonial é uma das regras de manutenção da exclusividade ou do exclusivo comercial. Não é por acaso, portanto, que a atividade corsária e a pirataria se desenvolveram neste período. Assim como alguns Estados esperavam manter sua posse exclusiva sobre regiões produtoras de riquezas e rotas comerciais, outros se sentiam no direito de disputá-las.



Saiba Mais

Preocupadas em estabelecer regras rígidas na relação com as suas colônias, foram estabelecidos a exclusividade comercial da colônia com a sua metrópole, o controle dos portos, o combate ao contrabando e as limitações na produção de artigos manufaturados, a fim de estimular a compra das manufaturas europeias, que faziam parte de um conjunto de medidas representativas do pacto colonial.

Seção 2

Colonizações – inglesa, francesa e espanhola

A colonização do continente americano foi um importante capítulo dos interesses dos países europeus para escapar de conflitos políticos-religiosos, desafogar excedentes demográficos e principalmente atender às práticas mercantilistas.

Um percurso pela América colonial nos fará perceber as diferentes modalidades de colonização e os diferentes impactos nas sociedades envolvidas. Mas que mecanismos e habilidades os colonizadores da Inglaterra, da França e da Espanha desenvolveram para a conquista da América? Vejamos mais de perto as diferentes modalidades coloniais.

A colonização inglesa da América do Norte, terras que hoje chamamos de Estados Unidos, ocorreu de forma lenta e descontínua. Seja em razão de conflitos políticos e religiosos, seja devido ao maior interesse dos comerciantes.

A ocupação inicial foi promovida por empresas particulares ou pelos próprios colonos que determinaram as formas de exploração da riqueza e utilização da mão de obra.

Ali foram organizadas, ao longo do século XVII, 13 colônias divididas entre Norte e Sul.

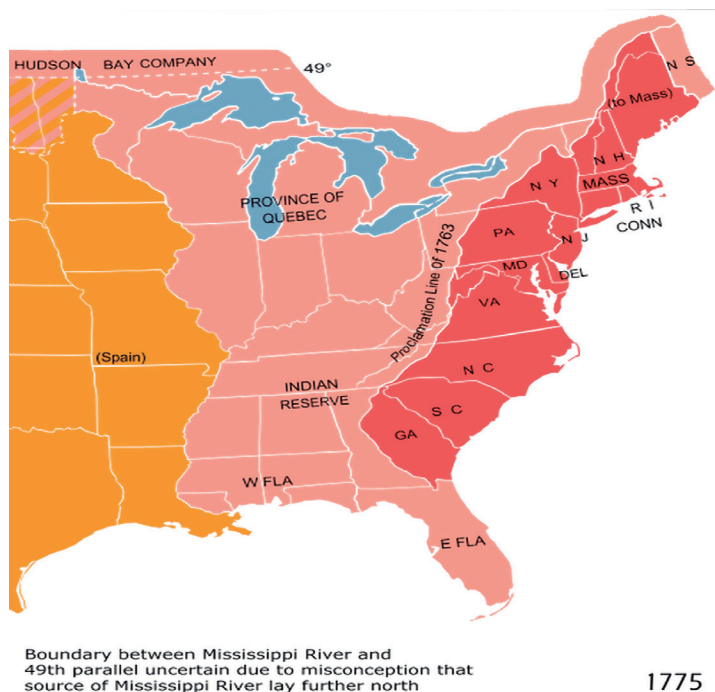


Figura 13: As treze colônias.

O Sul, considerado pelos historiadores como colônia de exploração, possuía o clima mais adequado para os produtos tropicais que os europeus buscavam. Nessa região, foi implantada uma economia na forma *plantation* – um tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de mão de obra escrava.

Já a ocupação da região norte obedeceu a critérios muito diferentes dos estabelecidos em outras regiões americanas. Ali foram criadas colônias de refugiados políticos e religiosos, interessados em construir uma nova sociedade baseada na sua consciência religiosa, denominada Nova Inglaterra. Esta região desenvolveu pequenas propriedades com trabalho familiar voltado para o consumo interno. A Inglaterra não interferiu no desenvolvimento das atividades manufatureiras e comerciais no Norte porque estava mais interessada nos gêneros tropicais produzidos pelas colônias do Sul.

Essa maior liberdade econômica – mais presente, como vimos, nas regiões do Norte – foi acompanhada de certa autonomia política, que permitiu a criação de órgãos representativos dos próprios colonos, o que foi muito importante para a garantia de alguns direitos perante a política colonial.



Saiba Mais

Para explicar as diferenças na realidade colonial, alguns autores dividem as colônias americanas em dois tipos: as de **povoamento** e as de **exploração**. O Norte era de povoamento por causa da falta de riquezas que interessavam aos europeus, enquanto o Sul era colônia de exploração porque era vinculada à lógica mercantilista de exploração de produtos tropicais, como tabaco e algodão.

No que diz respeito à França, as tentativas colonizadoras dos franceses se deram de forma tardia, comparada aos países ibéricos. As primeiras ocupações aconteceram entre 1555 e 1567, no Brasil, quando a região litorânea do Rio de Janeiro e parte do território onde hoje fica o estado do Maranhão ficaram sob o controle de **corsários** franceses. Ambas tentativas foram frustradas pela força colonial portuguesa, que impediu a conquista.

Corsário ou corso

Embarcação armada de propriedade privada que tinha autorização do governo de seu país de origem para atacar navios e invadir territórios de países inimigos.

A primeira tentativa colonizadora bem-sucedida dos franceses na América ocorreu no Haiti. Nessa região, foram explorados gêneros agrícolas por meio da utilização da mão de obra escrava. Apesar de um curto período na América do Norte, a França também exerceu domínio sobre algumas regiões, principalmente em Quebec, no Canadá, e no Mississipi, nos Estados Unidos.

Ao contrário do que aconteceu em países como a Inglaterra, Espanha e Portugal, o projeto de conquista territorial não teve patrocínio por parte do Estado francês. Além disso, a derrota sofrida na **Guerra dos Sete Anos** (1756-1763) contra os ingleses contribuiu para o declínio das ambições colonizadoras da França em território americano.

Guerra dos Sete Anos

A Guerra dos Sete Anos foi um conflito travado entre diversos países europeus em torno do controle de regiões de exploração colonial. Um dos lados, liderado pela França com apoio da Áustria, procurava disputar com a Inglaterra a liderança das regiões da América do Norte e da Índia. A Inglaterra, apesar de vencedora do conflito, ficou em péssimas condições financeiras, decidindo penalizar os colonos com parte dos custos da guerra.

Pela Espanha, por outro lado, a ocupação do território se deu de forma bastante diferente. Quando os colonizadores espanhóis começaram a tomar o território americano, no final do século XV, se depararam com algumas sociedades com alto grau de organização, como os astecas, os maias e os incas. A existência dessas sociedades fez com que a presença dos nativos fosse um traço fundamental na construção das colônias espanholas. Vejamos como isso ocorreu.

A coroa espanhola precisava definir as linhas gerais do processo de colonização, principalmente como extrair as riquezas. Com a descoberta de grandes minas de prata na região onde hoje ficam o Peru e o México, a solução para a mão de obra foi o trabalho compulsório dos nativos, Mita, prática esta já utilizada pelos incas e astecas antes da presença dos espanhóis em terras americanas.

A mineração favoreceu a expansão de atividades agrárias em regiões próximas ao mercado criado pelas minas. Mais tarde, com o declínio da mineração, em meados do século XVII, muitas regiões voltaram sua produção para atender especialmente aos interesses da Espanha.



Figura 14: O território colonizado pelos espanhóis inclui países da América do Norte, da América Central e da América do Sul.

Seção 3

A colonização portuguesa

O que significava criar uma colônia? Era simplesmente se apropriar de um território e enviar pessoas para ocupá-lo? Como vimos na seção anterior, a disputa por territórios era grande entre os países da Europa. Era necessário não só explorar, mas garantir a posse das colônias.

Vamos agora examinar as estratégias que Portugal utilizou no processo de colonização das terras na América.

Hoje em dia, quando vamos ao mercado, encontramos grande quantidade de produtos produzidos aqui no Brasil. Apesar dos contrastes de renda e consumo, o país possui um conjunto de atividades econômicas capazes de atender às necessidades da população. Mas no período colonial não era assim. A regra geral era produzir um número reduzido de produtos para o mercado externo. Mas por que isso ocorria?

Até meados do século XVI, a ação portuguesa se restringia à extração do pau-brasil – madeira que servia como corante vermelho de grande valor comercial na Europa. Nesta fase da colonização, os portugueses adquiriam a madeira por meio do **escambo**, em que os portugueses ofereciam produtos de utilidade cotidiana como espelhos, facas e pentes em troca do trabalho indígena.

Escambo

Troca de bens ou serviços sem intermediação do dinheiro.

Mais tarde, com a necessidade de aumentar a comercialização e, ao mesmo tempo, manter a posse das terras conquistadas, a Coroa portuguesa começou a investir na produção de açúcar, nas terras que, mais tarde, foram chamadas Brasil. Este modelo de exploração, bastante lucrativo para a época, já tinha sido implantado por Portugal em outros lugares, como na ilha da Madeira, na costa da África.

Em linhas gerais, podemos afirmar que, entre as estratégias de exploração e ocupação do território por Portugal, podemos destacar:

- A Coroa portuguesa distribuía sesmarias – porções significativas de terras – a particulares que se responsabilizavam pela produção.
- A produção de açúcar se concentrou em engenhos.
- A mão de obra escrava era africana.
- O financiamento e a distribuição ficavam por conta de comerciantes e banqueiros da Holanda, que eram sócios de Portugal nesse empreendimento.

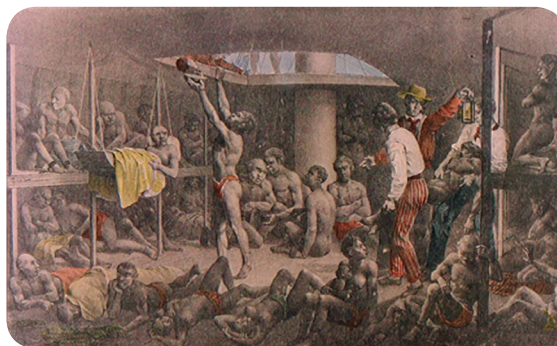


Figura 15

Para sustentar a produção de cana-de-açúcar, os portugueses começaram a importar africanos como *mão de obra escrava*. Essas pessoas eram capturadas e comercializadas em feitorias europeias na África – muitas vezes com a ajuda de tribos rivais – e atravessadas pelo oceano Atlântico em navios negreiros. A travessia do continente africano para o Brasil era feita com os negros empilhados de maneira mais insalubre possível; nessas condições, muitos não conseguiam chegar com vida. Ao chegarem à América, eram comercializados como mercadorias e obrigados a trabalhar nas plantações ou nas casas dos colonizadores.

Estes fatos foram decisivos para a implantação da *empresa açucareira* nas terras brasileiras. Mas como administrar esse empreendimento? Como atrair membros da elite portuguesa para terras tão distantes?

A solução que a Coroa portuguesa encontrou para ocupar este imenso território foi a adoção do sistema de **capitanias hereditárias**. O território foi dividido em 15 grandes faixas de terra que passaram a ser administradas, cada uma delas, por um capitão-donatário, como mostra o mapa (fig.14, na página seguinte):

Capitanias Hereditárias

Sistema de administração territorial criado pelo rei de Portugal, D. João III, em 1534, que consistia em dividir o território em grandes faixas e entregá-las a particulares, principalmente nobres com boas relações com a Coroa.

Capitão-donatário

Administrador que representava os interesses e a autoridade dos donos das capitanias.

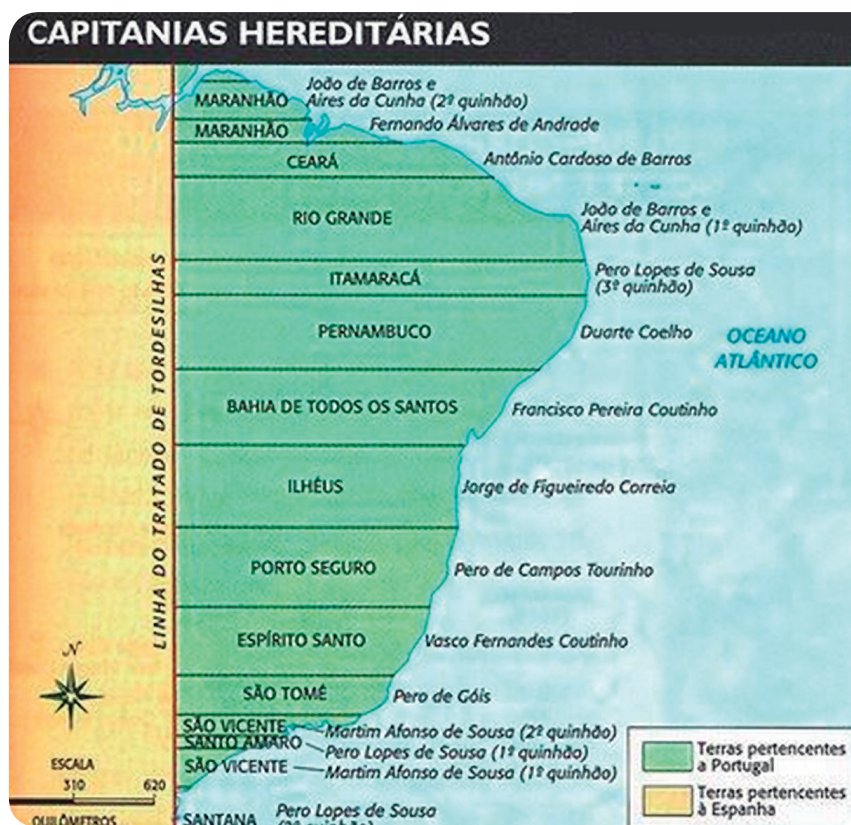


Figura 16: Capitânicas Hereditárias.

Portugal deu amplos poderes, administrativos e econômicos, aos donatários. A eles cabia decidir pela justiça, pelo recolhimento de impostos e distribuição de sesmarias.

Esta experiência, contudo, não durou muito tempo. Apenas duas capitânicas, São Vicente (parte do atual estado de São Paulo) e Pernambuco, transformaram-se em importantes centros de produção de açúcar.

O interesse em outros empreendimentos, como o comércio de especiarias, a carência de recursos e a resistência indígena ao trabalho forçado foram apenas algumas das razões que fizeram com que a Coroa portuguesa criasse uma estrutura administrativa mais centralizada, na forma de **Governo Geral**. Ao governador-geral caberia administrar a colônia, combater rebeliões e defender o território de invasões estrangeiras.

Governo Geral

Modalidade de governo centralizador que o governo de Portugal instituiu para administrar a colônia. Em vias gerais, o governo geral deveria viabilizar a criação de novos engenhos, combater o comércio ilegal, defender os colonos e realizar busca de metais preciosos. Mesmo centralizador, o governo geral trouxe a criação de novos cargos administrativos, como o de ouvidor-mor (responsável pela resolução de problemas de natureza jurídica) e o provedor-mor (responsável pelos gastos administrativos e arrecadação de impostos).



Figura 17: Chegada de Tomé de Sousa, primeiro governador-geral, à Bahia, em 1549.

A Igreja Católica teve um importante papel no processo de colonização, representada pela ordem dos jesuítas. Eles tinham o objetivo de levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas, principalmente na América. Para isso, os jesuítas criaram aldeamento onde podiam catequizar índios, transmitindo-lhes além da religião católica, a língua e os costumes europeus.



O processo de colonização se deu, portanto, através da agroexportação – produção agrária voltada para a exportação – e de medidas de administração e controle da vida dos colonos.

No decorrer do século XVII, o Nordeste se tornou o centro da área produtiva da colônia. Em torno da produção do açúcar se desenvolveram algumas atividades como a pecuária e o plantio de tabaco que, aos poucos, foram assumindo importância para o mercado interno.

A colônia era um negócio tão lucrativo que se tornou a principal fonte de renda da Coroa portuguesa. Esta estabeleceu o exclusivo comercial, ou seja, tratou de segurar esse comércio para si estabelecendo leis que obrigavam os produtores a vender seus produtos apenas para comerciantes que tinham a permissão do governo de Portugal.

Resumo

Na Unidade, 2 estudamos:

- As relações atlânticas, implantadas e empreendidas pelos europeus a partir da Expansão Marítima e Comercial, nos séculos XV e XVI, provocaram alterações nas realidades africana, americana e europeia.
- Havia diversidade e heterogeneidade das sociedades africanas, tanto do ponto de vista cultural quanto étnico ou tecnológico.
- A diáspora africana estava relacionada aos efeitos do processo de ampliação das trocas comerciais, principalmente o comércio de escravos, com os europeus, a partir do século XV.
- Havia diversidade e heterogeneidade das sociedades americanas, particularmente entre os Maias, Astecas, Incas e nativos do Brasil.
- O mercantilismo, com as práticas específicas dos diferentes estados nacionais europeus, foi um dos motores da expansão europeia sobre territórios da África, Ásia e América.
- Havia especificidades entre as colonizações inglesa, francesa e espanhola.
- A exploração econômica do Brasil foi baseada no exclusivo comercial e no pacto colonial.
- A Coroa portuguesa utilizou diferentes estratégias para produzir e administrar a colônia, como, por exemplo, as capitanias hereditárias e os governos gerais.
- A empresa açucareira tornou-se base do processo de colonização. As formas de aproveitamento da mão de obra e da divisão do espaço deixaram marcas que podemos observar na organização da sociedade brasileira atual.

Veja ainda

Para ampliar seus conhecimentos sobre os assuntos tratados nesta Unidade, damos as seguintes sugestões de filmes.

1492: a viagem ao paraíso. Ridley Scott, 1992.

A Conquista do Paraíso é uma grande aventura com cenas deslumbrantes captadas pelo diretor Ridley Scott estrelada por Gérard Depardieu. Ele interpreta Cristóvão Colombo, um intrépido navegador que descobre uma nova rota para chegar às Índias. O filme trata das duas primeiras viagens que se tornaram um marco na vida desse almirante e nos leva à terceira e última etapa da deslumbrante aventura.

Caramuru: a invenção do Brasil. Guel Arraes, 2001.

O filme tem como ponto central a história de Diogo Álvares, artista português, responsável por uma das lendas que povoam a mitologia brasileira – a do Caramuru. A história gira em torno do romance entre o português e as irmãs nativas Paraguaçu e Moema. No Brasil, os três viviam em perfeita harmonia. Algum tempo depois, Diogo viaja para a França para ser condecorado pelo rei, mas somente Paraguaçu consegue chegar à embarcação. Na Europa, ela e Diogo continuam sua história de amor, com todos os impactos da cultura europeia na vida de uma índia.

Desmundo. Alain Fresnot, 2003.

O filme é ambientado em 1570, época em que os portugueses enviam órfãs ao Brasil para que se casassem com os colonizadores. A tentativa era minimizar o nascimento dos filhos com as índias e que os portugueses tivessem casamentos brancos e cristãos. Essas órfãs viviam em conventos e muitas delas desejavam ser religiosas.

Diário de um Novo Mundo. Paulo Nascimento, 2005.

Em 1752, um navio cruza o oceano Atlântico, com a fome e a doença afetando a embarcação. Um dos passageiros é o médico e escritor Gaspar de Fróes, que narra em seu diário os percalços da viagem e a chegada ao Brasil. Após chegar, Gaspar se apaixona por Maria, a esposa de um militar português influente, o que lhe causa problemas na nova terra.

Referências

Livros

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A época colonial*: vol. I, do descobrimento à expansão territorial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BETHEL, Leslie. *América Latina Colonial*. Volumes I e II. São Paulo: Edusp, 1998.

Imagens

Figura 1: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Travels_of_Marco_Polo.png

Figura 2: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22062>

Figura 3: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22062>

Figura 4: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22062>

Figura 5: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African_continent-pt.svg

Figura 6: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African-civilizations-map-pre-colonial.svg>

Figura 7: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Africa>

Figura 8: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22502>

Figura 9: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pirâmide_\(arquitetura\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pirâmide_(arquitetura))

Figura 10: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:TI%C3%A1loc.jpg>

Figura 11: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco/visualizar_aula&aula=53010&secao=espaco&request_locale=es

Figura 12: http://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ind%C3%ADgenas_do_Brasil

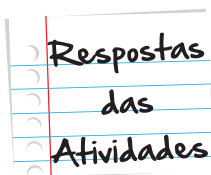
Figura 13: http://pt.wikipedia.org/wiki/Treze_Col%C3%B4nias

Figura 14: http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_espanhola

Figura 15: http://pt.wikipedia.org/wiki/Navio_negreiro

Figura 16: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26786>

Figura 17: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A9_de_Sousa



Atividade 1

- a) Dentre as rupturas promovidas pelas relações atlânticas na África, você deverá responder que retirou o litoral africano do seu estado de isolamento comercial com outras nações e intensificou o comércio exportador de pessoas para o trabalho escravo.
- a) As relações atlânticas estiveram relacionadas com as terras que passaram a ser chamadas posteriormente de Brasil, por receber centenas de milhares de pessoas oriundas do continente africano, em situação de escravidão, para desenvolverem, como mão de obra, o projeto colonial estabelecido por Portugal.

Atividade 2

- a) Dentre dois trechos que você poderá demonstrar estão: no primeiro texto – “Quando lá chegamos, ficamos atônitos com a multidão de pessoas e a ordem que prevalecia, assim como a vasta quantidade de mercadorias.”; “Cada espécie tinha seu lugar particular, que era distinto por sinal.”; “Os artigos consistiam em ouro, prata, joias, plumas, mantas, chocolate, peles curtidas ou não, sandálias e outras manufaturas de raízes e fibras de juta, grande número de escravos homens e mulheres, muitos dos quais estavam atados pelo pescoço, com gargalheiras e longos paus”; no segundo texto – “Era grande e majestosa e deve ter sido fundada por gente capaz e inteligente”; “Tem ruas muito boas, embora estreitas, e as casas estão construídas de maciças pedras (...)”.

Você deverá responder que, neste caso, o termo “indígena” estaria relacionado a uma forma eurocêntrica de mundo no sentido de denominar e generalizar povos nativos da América, com organizações sociais e culturas distintas do colonizador.



O que perguntam por aí?

Questão 1 - (UFF 2003)

Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, vários aspectos estabeleceram a diferença entre a colonização portuguesa – dos semeadores – e a colonização espanhola – dos ladrilhadores. Identifique a opção que revela uma diferença observada no tocante à construção das cidades no Novo Mundo.

- a. As formas distintas de construção das cidades no Novo Mundo derivaram do modo como a Espanha concebeu a ideia renascentista de homem, o que fez seus navegadores, ao contrário dos portugueses, considerarem os indígenas americanos como seus pares;
- b. As cidades portuguesas na Costa da América tornaram-se feitorias por um acordo de não concorrência firmado entre Espanha e Portugal, expresso no Tratado de Tordesilhas, pelo qual a Espanha ficou encarregada das áreas de mineração;
- c. As experiências comerciais na Ásia e na África acentuaram o papel da circulação nas práticas mercantilistas de Portugal; por isso, as cidades portuguesas da América eram feitorias, diferentemente das espanholas que combinavam comércio e produção;
- d. As cidades portuguesas na América – feitorias – constituíram-se centros comerciais por influência direta do modelo de Veneza e Florença. As cidades espanholas, por outro lado, tiveram como modelo a experiência urbana manufatureira francesa;
- e. As cidades portuguesas especializaram-se em organizar a entrada de produtos agrícolas no território colonizado, enquanto as espanholas atuaram como núcleos mercantis voltados para a criação de mercados consumidores de produtos manufaturados da metrópole.

Resposta: Letra E

Questão 2 - (UFF 2004)

(...) se a região [colonial] possui uma localização espacial, este espaço já não se distingue tanto por suas características naturais, e sim por ser um espaço socialmente construído, da mesma forma que, se ela possui uma localização temporal, este tempo não se distingue por sua localização meramente cronológica, e sim como um determinado tempo histórico, o tempo da relação colonial. Deste modo, a delimitação espaço temporal de uma região existe enquanto materialização de limites dados a partir das relações que se estabelecem entre os agentes, isto é, a partir de relações sociais. (Ilmar Rohloff de Mattos. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, Brasília: INL, 1987, p. 24)

A partir do texto, podemos entender que a empresa colonial é produtora de uma região e de um tempo coloniais, definidos pelas relações sociais construídas por suas características internas e pela maneira como se relaciona com o que se situa fora dessa mesma região colonial. A Afroamérica, produto da ocupação do Novo Mundo, principalmente por portugueses, espanhóis e ingleses, pode ser compreendida, nessa perspectiva, como um conjunto de:

- a. economias subordinadas ao mercado mundial capitalista e à lógica do capital industrial, garantindo a penetração do capitalismo no continente americano, o que explica a rápida industrialização ocorrida no século XIX, como desdobramento da revolução industrial;
- b. sociedades que reproduziam as existentes nas metrópoles, podendo ser compreendidas a partir da substituição do trabalho compulsório das relações feudais pelo trabalho livre;
- c. economias surgidas na lógica do mercantilismo, no caso da Inglaterra, e do feudalismo, nas colônias ibéricas, sendo o comércio a principal preocupação dos britânicos, enquanto os governos de Portugal e Espanha privilegiavam a expansão do poder da Igreja;
- d. sociedades com organização socioeconômica diferente da existente nas metrópoles, tendo na exploração do trabalho escravo a base da produção da riqueza, que era, em grande parte, transferida para as metrópoles, segundo a lógica do capital comercial;
- e. economias baseadas na monocultura de produtos de grande demanda na Europa, gerando uma sociedade polarizada entre Senhores e Escravos, não possibilitando a formação de um mercado interno e o surgimento de outras classes sociais.

Resposta: Letra E

Questão 3 - (PUC-RJ)

Sobre as relações estabelecidas entre europeus e povos nativos do continente americano por ocasião das conquistas e colonização das terras no Novo Mundo, estão corretas as afirmativas, à exceção de:

- a. A catequese das populações nativas, fundamentada no princípio da tolerância religiosa, viabilizou o enraizamento dos valores cristãos;
- b. A ocorrência de guerras e a propagação de epidemias contribuíram de modo significativo para a drástica redução demográfica das populações nativas;
- c. Entre as imagens que os europeus construíram acerca do Novo Mundo, destacavam-se as visões que ressaltavam a pureza dos povos nativos e a fertilidade da terra;
- d. O estabelecimento de alianças bélicas, favorecidas pelas rivalidades entre os povos nativos, contribuiu para a conquista europeia;
- e. Os conquistadores europeus valeram-se de práticas de escambo e formas de trabalho compulsório, já existentes entre os povos nativos da América, para consolidarem novas relações de dominação.

Resposta: Letra D

Questão 4 - (U. Santa Úrsula-RJ)

A partir do século XVI, várias potências europeias invadiram a América Portuguesa; entre elas destacamos a Invasão Francesa no Rio de Janeiro entre 1555-1567. O objetivo da França era:

- a. O interesse no comércio açucareiro, organização e montagem de engenhos e intensificação do tráfico negreiro.
- b. A disputa pelo comércio colonial, isto é, a exploração do pau-brasil e a criação da França Antártica.
- c. A aceitação dos indígenas à dominação francesa e o conflito entre colonos e jesuítas pelo domínio e controle da mão de obra indígena.
- d. A possibilidade de formação de novas classes sociais vindas da França, mas empobrecidas pelas lutas religiosas.
- e. A cobiça dos franceses pelas terras das Capitanias Hereditárias e exploração das “drogas do sertão” e do açúcar.

Resposta: Letra B



Até
breve!

